

VIVIANE CAPUTO

**SIGNIFICADOS DO AMOR NA PERSPECTIVA DE MULHERES NA
MATURIDADE, SOB A ÓTICA DA TEORIA DOS MODELOS
ORGANIZADORES DO PENSAMENTO.**

ASSIS

2017

VIVIANE CAPUTO

**SIGNIFICADOS DO AMOR NA PERSPECTIVA DE MULHERES NA
MATURIDADE, SOB A ÓTICA DA TEORIA DOS MODELOS
ORGANIZADORES DO PENSAMENTO.**

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a obtenção
do título de Doutora em Psicologia (Área de
Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. Leonardo Lemos de Souza

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

C255s Caputo, Viviane
Significados do amor na perspectiva de mulheres na
maturidade, sob a ótica da teoria dos modelos organizadores do
pensamento. / Viviane Caputo. Assis, 2017.
121 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista
Orientador: Dr. Leonardo Lemos de Souza

1. Amor. 2. Maturidade. 3. Mulheres. I. Título.

CDD 152.41

VIVIANE CAPUTO

**SIGNIFICADOS DO AMOR NA PERSPECTIVA DE
MULHERES NA MATURIDADE**

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para
obtenção do título de Doutora em
PSICOLOGIA. (Área de Conhecimento:
PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 20/01/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



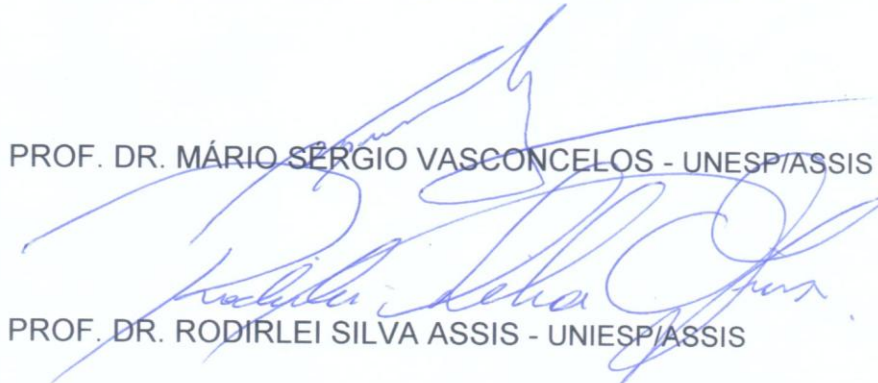
PRESIDENTE: PROF. DR. LEONARDO LEMOS DE SOUZA - UNESP/ASSIS



MEMBROS: PROFA. DRA. IVONE TAMBELLI SCHMIDT - UNOESTE/PRESIDENTE
PRUDENTE



PROFA. DRA. RITA MELISSA LEPRE - UNESP/BAURU



PROF. DR. MÁRIO SÉRGIO VASCONCELOS - UNESP/ASSIS

PROF. DR. RODIRLEI SILVA ASSIS - UNIESP/ASSIS

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu Orientador, Dr. Leonardo Lemos de Souza, pelo acolhimento, carinho, sabedoria, discernimento e paciência com os quais conduziu as orientações que me deu durante todo o processo de investigação e construção do trabalho, minha gratidão e consideração sempre.

Agradeço aos professores que compuseram a banca, pela disponibilidade e atenção. Agradeço também a todos os meus mestres ao longo da caminhada da vida, aos que já convivi e aos que ainda tenho a alegria da companhia, professores ou não, que me ensinaram lições indeléveis e que guardarei para sempre.

Aos meus familiares, em especial aos meus avós (*in memorian*) Ilydio Caputo e Ignez Polimeno Caputo; e Sebastião Jardim, pelo carinho e amor que sempre tiveram comigo. Aos meus tios e tias, pelo incentivo contínuo em minha formação, pelo carinho e amizade nos momentos de dificuldades.

Aos meus pais, especialmente à minha mãe Wilma Clarice Jardim (*in memorian*), sempre uma inspiração em minha vida, como Professora, Mãe e Mulher guerreira que foi. Às minhas irmãs Cristiane (*in memorian*), Daniele (*in memorian*) e Juliane, pela alegria da convivência na infância.

Aos meus amigos de todos os tempos, os que passaram e os que, apesar dos anos, permanecem comigo, pelo carinho, o incentivo, o compartilhar de bons e maus momentos, em especial aos queridos Sopa (Douglas Baldacci Cortelline), Mateus (Mateus Beraldo), Mana (Denise Gomes), Lelo (Marcos Valério Bompani da Silva), Sérgio Zanoto (que também confeccionou o *abstract*) e Mauren Zanoto, amigos queridos, o meu *muito obrigada*.

Aos colegas de trabalho, dos lugares por onde andei, e do meu trabalho atual, pelo carinho e amizade e aos meus alunos queridos, aos que passaram pela minha vida e aos que estão comigo hoje, pelo incentivo, pelo carinho e pela consideração comigo, muito obrigada.

Ao Professor Rodirlei Silva Assis, pela revisão do trabalho, pela parceria e apoio nos momentos de dúvida e pela amizade.

Aos queridos Paulo Motta, pelo companheirismo, carinho, apoio e pelas sugestões e discussões que enriqueceram a pesquisa, e ao meu filho João, pelo apoio e incentivo nos momentos de desânimo e pelo sorriso que me motiva a continuar mesmo nas dificuldades.

Às participantes da pesquisa, pela confiança em compartilhar comigo suas vivências.

A Deus, sem o qual nada disso seria possível. Muito obrigada!

CAPUTO, Viviane. **Significados do amor na perspectiva de mulheres na maturidade sob a ótica da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento**. 2017. 121 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RESUMO

O presente trabalho buscou investigar a compreensão do amor da perspectiva de mulheres na meia-idade, considerando o significado atribuído às experiências amorosas vivenciadas desde o período da juventude até o momento atual (maturidade), tendo como referência para a análise das experiências vividas a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento proposta por Moreno, Sastre e colaboradores (1999, 2010, 2012). Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas com mulheres vivenciando o período da maturidade, enfocando a percepção que cada participante tem acerca do amor, os elementos que se destacam e o significado atribuído às suas vivências e as modificações ocorridas quanto a isso ao longo do tempo, da juventude à maturidade. Das análises realizadas a partir dos dados coletados foram identificados a prevalência do amor romântico como modelo organizador das participantes da pesquisa, enfatizando-se a idealização quanto ao parceiro, a busca da reciprocidade na relação amorosa, a idealização de complementariedade de si pelo outro na relação amorosa ideal e a transição que as participantes fazem em relação ao amor da juventude para o amor na maturidade.

Palavras-chave: Amor, maturidade, vivência de mulheres, Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.

CAPUTO, Viviane. Love meanings in the perspective of mature women from the perspective of the Thoughts Organizing Models Theory. 2017. 121 f. Ph.D. Thesis in Psychology at Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

ABSTRACT

This research was aimed to investigate the comprehension of love from the perspective of half aged women, taking into consideration the meaning attributed to loving experiences lived since youth up to the present-day (maturity), based upon the theory of thought organizing models proposed by Moreno, Sastre and collaborators (1999, 2010, 2012). A series of ten semi-structured interviews were realized with women living the maturity period, focusing the perception that each participant has about love, the elements that points out and the meaning attributed to their experiences and the modifications occurred because of these from youth to maturity. In the analysis made in the collected data there were identified the preponderance of the romantic love as the organizing model of the participants of the research, pointing out the idealization as to the partner, the search for reciprocity in the love relationship, the idealization of the complementarity of herself for the other in the ideal love relationship and the transition that the participants experiences in relation to youth love to mature love.

Key-words: love, maturity, women experiences, Thoughts Organizing Models Theory.

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento
Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento
E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure

Vinicius de Moraes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.0 PANORAMA DO DESENVOLVER DAS CONCEPÇÕES DE AMOR NO OCIDENTE	11
2.0 A COMPLEXIDADE DO CONHECIMENTO SOBRE O MUNDO E A TEORIA DOS MODELOS ORGANIZADORES DO PENSAMENTO COMO PROPOSTA PARA COMPREENSÃO DOS SIGNIFICADOS DO AMOR NA MATURIDADE	28
3.0 A MATURIDADE	36
4.0 O AMOR NA MATURIDADE: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

Vivemos numa atualidade em que a complexidade é a tônica. O mundo globalizado, a internet, o estabelecimento de novos modos de relacionar-se e de vivenciar experiências nos faz questionar sobre os relacionamentos afetivos que se constituem nessa nova ordem mundial, e, sobretudo, sobre o amor.

O amor tem despertado as mais profundas manifestações intelectuais e poéticas, tal é a mobilização que exerce na realização pessoal e social ao longo do tempo. Seja descrito em versos, prosa, esculturas, pinturas e criações das mais variadas ordens, o amor suscita curiosidade, pois a vontade de compreendê-lo – e vivê-lo – alcança a maioria das pessoas.

O amor é um tema que envolve assumir sua complexidade, razão pela qual é necessário buscar seu entendimento e significado ao longo do tempo e de diferentes prismas. O modo como vivenciamos o amor é retratado tanto nas esferas individuais quanto sociais, na construção das relações afetivas que unem um casal e nas práticas sociais que criam modelos para que essas relações afetivas se estabeleçam.

Nesse contexto de diferentes nuances, o presente trabalho almeja a compreensão do amor a partir da vivência de pessoas na maturidade, que trilharam a juventude e a vida adulta e construíram experiências e significados acerca do amor e das relações amorosas durante a sua trajetória. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semi-estruturadas com dez mulheres, destacando-se o enfoque qualitativo da pesquisa, cuja participação das entrevistadas se deu por adesão à proposta de investigação.

Investigamos como essas pessoas significam o amor e compreendem a sua existência na experiência do seu viver. Para dar suporte a esta investigação partimos da utilização da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, proposta por Moreno & Sastre e colaboradores (1999, 2010), que privilegia a proposta de que não podemos pautar as explicações sobre os processos psicológicos envolvidos na significação e percepção de si mesmo e do mundo pela simplicidade e sim por redes de conhecimento que se pautam pela complexidade dos fenômenos que observamos e vivenciamos.

No primeiro capítulo, tecemos um breve panorama do desenrolar das concepções de amor no Ocidente, desde o início da formação de grupos humanos até a contemporaneidade.

No segundo capítulo tratamos da complexidade do mundo atual e da possibilidade da utilização da teoria dos modelos organizadores do pensamento proposta por Moreno e Sastre (2001, 2010, 2012) para compreendermos o amor na maturidade.

No terceiro capítulo apresentamos o conceito de maturidade e sua compreensão na atualidade, sob os enfoques antropológico (DEBERT, 1997), psicológico (ERIKSON, 1998) e cronológico (PAPALIA et al, 2009).

No quarto capítulo apresentamos trechos das entrevistas realizadas com as participantes da pesquisa abordando o tema amor na maturidade, a vivência do amor ao longo da vida, e a construção de significados em torno do tema, bem como as respectivas análises feitas a partir da teoria dos modelos organizadores do pensamento.

Por fim, nas considerações finais delineamos a trajetória do trabalho e apresentamos as principais observações feitas após a coleta e análise dos dados acerca do tema amor na maturidade.

1.0 PANORAMA DO DESENVOLVER DAS CONCEPÇÕES DE AMOR NO OCIDENTE

Lins (2013), em sua obra *O livro do Amor*, escrita em dois volumes, faz um apanhado histórico sobre como diferentes concepções de amor se estabeleceram na sociedade ocidental, desde a pré-história até a contemporaneidade.

Tais concepções se mesclam e se fundem com as alterações das relações humanas em todo esse período estudado pela autora, e evidenciam, conforme o tempo passa, a diferenciação dos gêneros feminino e masculino, e a submissão da mulher ao homem, tão presente nas diferentes épocas vividas pela humanidade, e que ainda em nossos dias, encontra na sociedade atual um lugar de destaque, que acompanha o estabelecimento das relações de conjugalidades existentes.

A autora destaca que no período Paleolítico Inferior (cerca de 10 mil a. C.) o vínculo entre sexo e procriação era desconhecido e os homens não tinham conhecimento de que participavam do nascimento dos filhos, sendo a fertilidade característica “exclusivamente feminina”, e a mulher estava associada “aos poderes que governam a vida e a morte” (2013, p. 19)

Citando a historiadora Riane Eisler (1995), Lins (2013) comenta que o corpo da mulher era tido como um receptáculo mágico, devido à capacidade de gerar filhos e dar à luz, bem como devido à capacidade de produzir alimento que nutrisse sua prole (leite materno). Além da procriação, a autora ressalta o aspecto místico atribuído ao corpo feminino de fazer com que o corpo do homem se modificasse, por meio da ereção.

Destaca Lins (op cit, p. 20) que no período Paleolítico não havia a ideia de casal:

“[...] cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e cada homem a todas as mulheres. O matrimônio era por grupos. Cada criança tinha vários pais e várias mães e só havia a linhagem materna.”

Salienta a autora que as funções do casal aparentemente se estabeleceram com o início do cultivo da agricultura, cerca de cinco mil anos atrás, e que há indícios de exogamia entre os viventes desse período, “...descritos por registros de encontros anuais em grandes festas, quando se faziam trocas e se formavam uniões...” (Lins, op. cit, p.20), e registros de descobertas de covas onde foram encontrados um homem com duas mulheres enterrados juntos e também uma mulher com dois homens enterrados na mesma tumba, estando um dos

homens com a mão cobrindo a bacia da mulher (in TANNAHILL, R. O sexo na história, Francisco Alves, 1983, p.13).

As relações entre os grupos modificaram-se durante o período do Neolítico, com o estabelecimento da agricultura, o que gerou para as mulheres, uma série de obrigações que não estavam presentes no período Paleolítico.

Lins destaca que a diferenciação entre homens e mulheres tornou-se, a partir desse período, gradativamente, mais normatizadas: “o homem-caçador tornou-se o homem-pastor, enquanto a mulher-colhedora se transformava em mulher-fazendeira.” (op. cit, p.22)

Tal diferenciação ocasionou uma mudança profunda no estabelecimento das relações entre homens e mulheres e também na estrutura de constituição familiar da época, pois se anteriormente, à mulher era atribuído o poder mágico de gerar filhos, sendo o homem considerado mero expectador na geração deste fato, com o advento do pastoreio, a observação do coito entre os animais e a relação com a geração de filhotes levou à percepção do papel ativo do homem na geração de prole.

Se, anteriormente, não havia dominação entre os sexos, a partir do advento da observação do pastoreio e da observação da procriação dos animais, a percepção do papel ativo do homem na continuidade da espécie foi fundamental para a separação e diferenciação dos papéis sociais femininos e masculinos e da instituição da mulher como mercadoria, que passou a ser considerada inferior ao homem e a este subordinada. (LINS, 2013, vol. 1).

A partir desse período, as relações que se estabeleceram entre homens e mulheres tiveram como referência a superioridade e dominação dos homens sobre as mulheres. Vistas como coisas, as mulheres passaram a ser exploradas. E estabeleceram-se, pois relações comerciais utilizando as mulheres como bens móveis, que podiam ser comprados e vendidos ou trocados.

Estabeleceu-se a partir de então o sistema patriarcal, atribuindo a homens e mulheres papéis específicos de convivência social, apoiado “ [...] em dois pilares básicos: controle de fecundidade da mulher e divisão sexual de tarefas.” (LINS, op. cit, p. 24).

A autora comenta que o processo de estabelecimento do patriarcado no Ocidente foi gradual e levou mais de dois mil anos, aproximadamente de 3.100 a 600 a.C., destacando que “ a lógica patriarcal começa no Ocidente com a democracia ateniense, no século V a. C., e o fim dessa lógica se enraíza na Revolução Francesa, quando a democracia pretende aplicar-se a todos.” (idem, p. 24).

Na Grécia antiga, berço da civilização ocidental atual, destacam-se escritos sobre as relações amorosas estabelecidas no período a partir da concepção mitológica grega, que permeava as relações humanas da época.

Nos registros sobre a guerra de Tróia, deuses, semi-deuses e humanos estão envolvidos na trama que originou-se na paixão de Páris, filho do rei de Tróia, e Helena, rainha de Esparta e casada com Menelau, ao qual abandonou para fugir para Tróia com Páris, dando origem à guerra mítica descrita pelo poeta Homero em *Ilíada*.

Após anos tentando recuperar a esposa sem sucesso, por meio de uma estratégia pensada por Ulisses, irmão de Menelau, que consistiu na simulação de uma retirada da guerra deixando em frente ao portão central da cidade de Tróia um cavalo como presente oferecido à deusa Atena, contendo em seu interior guerreiros gregos armados, Tróia foi invadida e massacrada, sendo Helena devolvida ao esposo.

O poeta Homero escreve também a obra *Odisséia*, em que retrata a volta de Ulisses após a guerra de Tróia para junto de sua esposa Penélope. O retorno de Ulisses demorou quase vinte anos pois, em razão da destruição de Tróia, Ulisses teria sido punido pelos deuses com as mais terríveis desventuras, até juntar-se à Penélope e continuar reinando em Ítaca. Penélope, que aguardara o esposo durante todo esse período, era considerada o modelo de esposa ideal.

Os escritos do poeta Homero, *Ilíada e Odisséia*, constituem importante fonte de informação sobre as relações amorosas e a condição da mulher em sua época, e, de acordo com o indicado por Lins (op. cit, v.1), destaca-se que, no período homérico, como é chamado o período dos séculos XII a VIII a. C. dada a importância do poeta Homero na história oral grega, não há exclusão extrema da participação social das mulheres, as quais embora tenham suas funções bem definidas, tinham mais igualdade de direitos no casamento do que posteriormente ocorreria no período grego clássico, compreendido entre os séculos V e IV a. C..(LINS, 2013, v.1).

À mulher cabiam os cuidados com os afazeres domésticos, com a criação dos filhos e manutenção da terra e do lar na ausência de seus maridos, e os casamentos não tinham caráter afetivo, eram constituídos pelos familiares dos noivos com vistas à aquisição de bens ou manutenção das propriedades em círculos familiares para perpetuar o que já havia sido adquirido ou aumentar o patrimônio.

A Grécia Antiga era constituída pelas chamadas cidades-Estado que eram autogovernadas, sendo as principais Atenas, Esparta e Corinto, havendo grande rivalidade entre as mesmas, o que contribuiu significativamente para o desenvolvimento destas cidades e

o avanço do comércio, manufaturas, entretenimento e cultura, bem como do desenvolvimento político, das artes, e da filosofia .

Na Grécia Clássica (séculos V e IV a. C.), eram comuns as relações fora do casamento, tido como um arranjo social com referência principal na propriedade. As relações amorosas não estavam associadas ao casamento ou à conjugalidade, e podiam desenvolver-se em diferentes contextos sociais. Podem-se elencar as relações homossexuais entre homens mais velhos e homens jovens; as relações com concubinas; as relações com as hetairas e as relações entre homens e prostitutas.

No que se refere às relações homossexuais, a efebia, como era conhecida na Grécia, se dava entre um homem mais velho, possuidor de sabedoria, experiência e comando, e um jovem, denominado efebo, que ao primeiro era entregue para ser treinado e por ele protegido, e que devia ter as qualidades masculinas valorizadas na Grécia, como a força, a beleza, entre outras.

No que diz respeito ao concubinato, esse era reconhecido quando a esposa não gerava filhos por esterilidade ou quando não gerava herdeiros meninos e o marido não quisesse divorciar-se dela para não ter que restituir o dote recebido em casamento à família da mulher. O concubinato foi mantido na Grécia até o século XX e ainda hoje permanece como costume em países do Oriente. (LINS, 2013, v.1)

As concubinas eram mulheres estrangeiras que não dispunham de direitos civis ou políticos na Grécia, ou ainda mulheres pobres, cujas famílias não possuíam dotes para ofertar em troca do casamento e eram dadas como concubinas a cidadãos ricos, mas, de acordo com a autora, raramente eram escravas. Já as hetairas eram consideradas “cortesãs de alto nível”.

Ao contrário das esposas, que não tinham relações sociais e ficavam confinadas aos cuidados do lar e ao dever de gerar filhos, sem convivência social, exceto em raras ocasiões, e nestas acompanhadas dos maridos; as hetairas foram um grupo de mulheres da sociedade grega que eram treinadas para serem atraentes, conversar sobre todos os assuntos que pudessem ser de interesse dos círculos masculinos, e habilidosas em várias áreas, como arte, literatura e política. Eram tidas como companheiras agradáveis e sexualmente atraentes, com autonomia para receber em sua residência admiradores e amantes.

De acordo com Lins (2013, p. 63) :

“Se as mulheres de Atenas, intelectuais, cultas e amorosas, desejassem conversar com homens a respeito de coisas importantes, tornavam-se hetairas-cortesãs de alto nível. Apesar das incertezas da vida, elas podiam usufruir das riquezas e da cultura ateniense.”

Às hetairas eram reservadas a admiração e a convivência em espaços públicos que eram negadas às esposas gregas, o que as colocavam em situação social superior à das esposas.

As prostitutas eram mulheres que exerciam o sexo a fim de subsistir economicamente. Eram imigrantes pobres, escravas ou ex-escravas e jovens abandonadas pelas famílias.

Haviam categorias de prostitutas, desde as que vendiam seus corpos nas ruas, cuja identificação podia se dar pela utilização de sandálias que continham na sola a expressão “siga-me”; quanto as que trabalhavam em bordéis a custas de pequenos salários, sem nenhum direito social.

Uma classe acima dessas haviam ainda prostitutas que eram contratadas para trabalhar em festas, tocando, cantando e servindo seus corpos aos convidados; e acima dessas, consideradas cortesãs de luxo, as hetairas, conforme indicado supra.(Op. cit, , 2013, v.1)

As relações amorosas até este período não contemplam a relação de conjugalidade inserida no casamento, se o amor era vivido, raramente o era no casamento.

As referências históricas que mencionam relações de amor apaixonado referem-se sobretudo na Grécia clássica, às relações existentes entre homens e mulheres hetairas, e entre homens mais velhos e homens jovens e em afeições extraconjugais.

Como exemplo é o caso de Péricles, que governou Atenas no período de 495 a 429 a. C, tido como maior referência política do Século V a. C. e Aspásia, uma hetaira que com ele conviveu e o influenciou profundamente. (op. cit, v.1, p. 66)

Quanto aos relacionamentos homossexuais, Hunt (1967, p.38) descreve:

O adolescente com seu rosto imaturo e com seu corpo ainda em desenvolvimento, com suas forças espirituais ainda não desabrochadas, e com sua promessa de masculinidade ulterior, podia inspirar ao homem grego uma emoção ainda mais intensa e mais apaixonada do que a provocada pela hetaira. O amor pelos adolescentes envolvia e implicava pendores requintados e estéticos. Na Grécia, a homossexualidade foi dignificada como uma relação de ordem superior.

Tais relações, porém, tinham o tempo da adolescência como possibilidade de existência, pois tão logo o rapaz tornava-se adulto, já não mais interessava ao homem mais velho que antes o atraía e provocava paixão ardente. Assim o jovem era descartado como amante logo que se tornava adulto.

Conforme Lins (op. cit, v.1) haviam convenções: o casamento não podia ser substituído pela relação entre o efebo e seu amante mais velho; o homem mais velho não podia ter mais de quarenta anos, e o efebo, devia ter entre 12 e 18 anos.

As ligações emocionais expressas em poemas e obras literárias as mais diversas nesse período, com frequência tratam do amor homossexual entre homens e rapazes, e também não havia impedimento para que homens que amassem jovens rapazes, também se relacionassem com mulheres.

Reitera Hunt (1967, p. 42) que os gregos:

Embora tenham inventado o amor, os gregos não o relacionavam com o casamento, nem lhe atribuíam um valor ético. Por isso, nunca solucionaram os dilemas inerentes a ele. E isto porque os gregos consideravam o amor divertimento sensual que se dissipava muito cedo, ou um tormento enviado pelos deuses, que durava um tempo excessivamente longo. Eles ansiavam por inspiração, e só a encontravam na adolescência masculina, imatura e transitória, ou buscavam o amor de uma mulher – e o encontravam apenas nos braços das prostitutas.

Quando Hunt sugere a invenção do amor pelos gregos, ele o faz no sentido mitológico, expresso na sensualidade dos deuses gregos associados à paixão, como Eros e Afrodite.

Em relação à mentalidade grega acerca das mulheres, tal mentalidade era extremamente patriarcal, e as relações amorosas não constituíam referência para o estabelecimento da conjugalidade, no casamento, como se viu.

Após a conquista das cidades gregas pelos romanos, em 146 a.C, um novo tempo se inicia e as diferenças culturais entre Roma e Grécia se expressam no tratamento diferenciado dado ao papel da mulher na sociedade romana da época, que embora ainda muito restrito, tinha maior liberdade do que a mulher casada grega.

A mulher romana, embora tivesse a obrigação de zelar pelo lar, ser virtuosa e ligada à religiosidade e procriar gerando filhos descendentes que continuassem a manutenção do direito à propriedade, tinha maior liberdade de ir e vir sem autorização do marido em Roma, diferentemente da mulher casada grega, que era praticamente confinada ao lar.

Destaca o historiador francês Paul Veyne (2005) que, ainda assim, a mulher romana servia aos propósitos do marido, de manter o direito à propriedade, gerar e criar filhos.

Após o casamento, o domínio da mulher romana passava do pai para o marido:

As esposas romanas, conhecendo sua inferioridade natural, deviam obedecer aos maridos, que as respeitavam como um verdadeiro chefe respeita seus auxiliares devotados, que são seus amigos inferiores. Elas eram “guardiãs das chaves do lar. A única exceção era as chaves da adega, que permaneciam em poder dos maridos, já que as esposas eram proibidas de beber vinho. Havia um antigo receio de que uma esposa embriagada não conseguisse se manter pura. Se a proibição fosse relaxada e a mulher bebesse mais que um mínimo de vinho, isto era encarado como uma indicação de lassidão moral e sexual, podendo o marido divorciar-se dela por tal motivo. (VEYNE, 2005, p.34)

A existência de afeto mútuo entre o marido e esposa, caso existisse, não podia ter manifestação pública.

Com relação ao amor, a máxima que se expressava era a do *Homem Prudente*, tão bem retratado nos poemas e nas reflexões do poeta e filósofo Lucrécio.

Tal enfoque é destacado por Hunt (1963, p. 54) citado por Lins (2013, p. 90, 91):

O amor sexual apaixonado devia ser cuidadosamente evitado [...] esse tipo de amor forma hábito; provoca atos frenéticos e irracionais, consome as energias do amante e desperdiça-lhe a substância. [...] O homem prudente afasta seus pensamentos para longe do amor, sabendo que o amor é uma doença. [...] Se ele sente falta de afeto, que trate de satisfazer-se com as relações mais fáceis sem deixar-se perturbar pelas emoções.

O amor apaixonado é considerado então como perdição, como responsável pela insanidade humana e, portanto, deve ser evitado pelo homem prudente, que deve centrar-se na racionalidade e não deixar-se engajar na teia de emoções que é responsável pela perda da capacidade de julgamento levando o homem à segregação moral e material.

O direito à propriedade era uma das bases da convivência social em Roma, e os casamentos eram incentivados a fim da preservação dos bens em determinados grupos sociais.

No período compreendido entre 27 a. C a 14 a. C a obrigação de casar foi decretada pelo Imperador Augusto, em virtude da preocupação com a baixa natalidade.

Tanto homens quanto mulheres eram obrigados a casar-se a contar de seus vinte e cinco anos de idade, sob pena de os homens solteiros não receberem herança.

Tal pena se estendia também aos casais em idade fértil e que não tinham filhos, porém estes, só receberiam da herança a metade do que lhes era cabida. (LINS, 2013, v.1)

Como a propriedade e sua preservação eram a tônica da sociedade romana, circunstâncias nas quais perdas financeiras poderiam ocorrer em razão das paixões desenfreadas deveriam ser evitadas para que não se chegasse ao divórcio, que era uma prática jurídica comum na sociedade da época, no período que antecedeu o cristianismo até o século II.

Tanto homens quanto mulheres podiam divorciar-se, e casar-se novamente, entretanto, em razão do recebimento de dote, deveria o mesmo ser devolvido à ex-esposa por ocasião do divórcio; muitas vezes tendo o homem que casar-se de novo para receber novo dote a fim de devolver o valor do anterior à ex-esposa. (TANNAHILL, 1983)

Com o advento do cristianismo, o casamento passou a ter um caráter sacramental, e o divórcio perdeu a referência de prática comum, para se tornar um pecado.

A mulher, que já era submetida ao poder do pai, e após o casamento, também à autoridade do marido, teve sua condição social ainda mais precarizada com a propagação do cristianismo europeu, que os próprios escritos bíblicos a colocavam como inferior ao homem e com o dever submeter-se ao marido.

O casamento, embora mantivesse a conotação de união de patrimônio ou núcleos familiares, e de Estado (unir os domínios de duas regiões por meio do casamento dos filhos de seus dirigentes), tinha agora uma conotação divina que impedia sua dissolução, ou, quando ocorria o divórcio, este tinha que ser justificado.

A religiosidade após o advento do cristianismo tornou-se a raiz do matrimônio. Contudo, no que se refere ao amor entre os cônjuges, este não era considerado para que o casamento ocorresse, como nos ensina Venosa (2003, p.19):

Por muito tempo na história, inclusive durante a Idade Média, nas classes mais nobres, o casamento esteve longe de qualquer conotação afetiva. A instituição do casamento sagrado era um dogma da religião doméstica. Várias civilizações do passado incentivavam o casamento da viúva, sem filhos, com o parente mais próximo de seu marido, e o filho dessa união era considerado filho do falecido. O nascimento de filha não preenchia, pois ela não poderia ser continuadora do culto de seu pai, quando contraísse núpcias. Reside nesse aspecto a origem dos direitos mais amplos, inclusive em legislações mais modernas, atribuídos ao filho e em especial ao primogênito, a quem incumbiria manter unido o patrimônio em prol da unidade religioso-familiar.

Com a confusão existente entre Estado e Igreja no mundo Ocidental, após o advento do cristianismo, as regras sociais foram profundamente influenciadas pela doutrina cristã e pelo Direito Canônico.

Conforme Gagliano (2012, p. 114) “enquanto o casamento romano nada mais era do que um fato social do qual decorriam certos efeitos jurídicos, para o Direito Canônico era entendido como o fundamento da sociedade.”

Desse modo, a normatização jurídica, paralela ao sistema canônico passou a determinar condutas socialmente aceitas e legítimas, punindo as contrárias às suas determinações, e isto se deu notadamente, com a modificação da estrutura do casamento, por meio de sua sacramentalização, que alterou a concepção de família, somente considerando a advinda dos laços matrimoniais.

Conforme nos indica Gagliano: “...Assim, tudo o que fosse estranho a essa forma de origem da família deveria ser combatido pela igreja, o que gerou a marginalização das uniões livres bem como a preocupação maior com a ritualização da celebração (do casamento)”. (GAGLIANO, 2012, p. 114)

Para Poster (1979), em sua análise sobre as perspectivas e conceitos sobre família, desde a psicanálise até a teorias filosóficas contemporâneas, o processo histórico que vem produzindo um conceito de família, é fundado no casamento e na ideia de uma conjugalidade idealizada pelo matrimônio religioso. Estas características das relações matrimoniais estão, portanto, imersas na organização e constituição da família burguesa, no qual o amor romântico é o elemento de manutenção dessas relações..

Considerando os aspectos filosóficos relacionados ao amor, Borges (2004, p. 09) citando Sponville, tipifica o amor de três formas: o amor caritas, o amor amizade e o o amor romântico, todos compreendidos a partir da concepção do amor como sentimento.

A máxima cristã de amar ao próximo como a si mesmo remete ao amor caritas, universal e caridoso, não referindo-se ao amor entre duas pessoas dentro de uma conjugalidade. Houve uma profunda desvalorização do culto ao corpo, sendo este objeto do pecado, e muitos dogmas religiosos foram impostos como cerceamento à sexualidade. (LINS, 2013, Op. cit. v.1)

O amor, durante o período da Idade Média, por força do cristianismo, foi contemplado como sentimento divino, e era dedicado somente a Deus. O amor caritas, também nomeado ágape, é aquele baseado na benevolência por toda a humanidade, um amor universal centrado na caridade, influenciado por modelos humanistas e religiosos.

O amor amizade, ainda de acordo com Borges (2004), referenda-se na obra de Aristóteles *Ética à Nicômaco*, [...] *implica um desejo de compartilhar a companhia do outro, seja pelo prazer, pelo útil ou pela virtude*. O amor amizade é considerado o mais completo

amor, uma vez que é baseado no prazer, na alegria da companhia e no desejo mútuo de querer bem um ao outro. (idem, p.10)

No período da Renascença, entre os séculos XV e XVII, propaga-se a ideia do amor romântico, vivido inicialmente à distância pelo casal, que, por meio do enamoramento, podia culminar em casamento, este movido não só pela perspectiva de manutenção ou aquisição de propriedades, mas enlaçado a partir do desejo do casal de permanecer em união.

Embora a ideia de amor romântico tenha sido propagada somente a partir dos séculos XV e XVII, a primeira concepção, que se refere à manifestação da compreensão do amor como sentimento, perpassa toda a cultura ocidental, e, de acordo com os escritos de Rougemont, que datam de 1938 (*on line*), tem sua origem no século XII, no mítico romance de Tristão e Isolda.

Isolda, prometida a Marcos, rei da Cornualha, é levada para casar-se com o mesmo pelo sobrinho deste, Tristão. No caminho, Isolda e Tristão tomam uma poção do amor que deveria ser ingerida por Isolda e Marcos, e apaixonam-se profundamente. Ainda assim, Isolda casa-se com o rei Marcos, mas mantém com Tristão um romance, que ao ser descoberto, faz com que Tristão seja banido do reino. Este casa-se com uma moça também chamada Isolda – apelidada de Isolda das Mãos Brancas, e após muitas batalhas, é ferido mortalmente e pede que Isolda – a qual amava, venha lhe curar. A esposa de Tristão mente a ele dizendo que a amada não viria, e Tristão morre, desconsolado. Ao chegar e saber da morte do amante, Isolda morre também, de tristeza. (Tristão e Isolda, *on line*)

O amor romântico muitas vezes acaba em tragédia ou desilusão, e o exemplo que bem ilustra esse período é a história de Romeu e Julieta, que é um dos mais famosos amores conhecidos na literatura, de autoria de William Shakespeare, e foi influenciado por versos de Arthur Brooke lançados em 1562, baseados na história de Tristão e Isolda, acima descrita.

No romance de Shakespeare, os amantes Romeu Montéquio e Julieta Capuleto, filhos de famílias rivais e contrariando as proibições familiares, casam-se em segredo, e numa artimanha para permanecerem juntos e evitarem que Julieta case-se com outro pretendente a quem era prometida, o Frei que os casou, com a intenção de unir as duas famílias em desavença e evitar novo casamento de Julieta, dá a ela uma poção que faz com que aparentemente ela seja dada como morta. O Frei fica encarregado de comunicar a estratégia a Romeu. Este porém, não recebe o comunicado do Frei, e ao regressar à cidade de Verona depara-se com o funeral de Julieta, e inconsolado por acreditar que a amada está morta, toma veneno. Julieta desperta do sono induzido pela poção e não suportando a morte de seu amado, suicida-se com o punhal de Romeu que jaz ao seu lado no jazigo da família Capuleto, para

onde Julieta havia sido levada quando do efeito da poção. Diante da tragédia que sucedeu, as famílias se reconciliam em memória dos filhos que perderam. (ROMEU E JULIETA, on line, acesso em 29/11/2016).

O amor romântico destaca-se também por sua característica de permanência do amor diante de qualquer obstáculo, podendo inclusive enfrentar a morte, sendo uma espécie de *amor-sacrifício*, que tudo enfrenta. (BORGES, 2004)

Borges (2004) apóia-se em Platão para definir que o amor romântico [...] *é aquele relacionado à busca do que falta, intimamente ligado ao sofrimento, um desejo intenso de unir-se à metade perdida e se fundir com ela formando um todo.*(op. cit, p.09-10)

Outra característica do amor romântico é a idealização do parceiro, como completude do próprio ser. Constantemente a mulher, dentro da referência do amor romântico, é vista como musa inspiradora, possuidora de grandes virtudes, e, como nos indica Lins (2013, p. 268), “casar por amor é uma ideia radical que se propaga”.

Destacamos que, embora com a disseminação do Romantismo a figura da musa se destaque como um papel feminino, a mulher continuou a ser vista como propriedade nas sociedades da época, não tinha autonomia e submetia-se às convenções sociais, paternais e maritais.

Em sua obra *A transformação da Intimidade*, Giddens (1993, p. 51) afirma sobre o amor romântico que:

Nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual [...], o amor rompe com a sexualidade, embora a abarque; a “virtude” começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como “especial”.

O amor romântico expressa o desejo de conceber o ser amado como se este fosse um ser sublime, idealizado, que complete o amante em sua vida e repleto de virtudes.

Para além da compreensão do amor romântico, outro entendimento sobre o amor como sentimento foi dado pelo sociólogo Georg Simmel, citado por Oltramari e Grossi (2010, p.373) que o enfocou a partir do egoísmo:

O amor é um objeto que se atrela mais diretamente ao seu objeto, o objeto amado. Ele se estabelece de uma forma que, quando consolidada, descarta o aspecto central que o mediou, fazendo com que seja percebido como um acontecimento transcendental a si mesmo. [...] o amor é na maioria das vezes

percebido como algo que transcende a sua própria existência, ou seja, a relação que o fez surgir.

O autor aponta que a necessidade do ser que ama fundir-se ao ser amado existe em função de que *a vida dele é única e exclusivamente mediada a serviço do amor do objeto amado*. Esse tipo de amor transcendental faz com que os amantes, unidos por esse tipo de amor, *se imaginem sendo uma só pessoa*. (idem, p.375)

Após o predomínio do amor romântico até o final do século XVII, longe de ser vista como igual dentro do casamento, a mulher continuou submetida às vontades e determinações maritais. Sua sexualidade era então restrita ao casamento e a aspiração de casar-se devia acompanhar a de parceria sexual, sustentada pelo amor romântico. A mulher respeitável devia guardar-se para o esposo e com ele somente desenvolver qualquer prática sexual.

Nesse sentido, acrescenta Giddens (op. cit., p. 58)

O confinamento da sexualidade feminina ao casamento era importante como um símbolo da mulher “respeitável”. Isso ao mesmo tempo permitia aos homens conservar distância do reino florescente da intimidade e mantinha a situação do casamento como um objetivo primário das mulheres.

No Século XIX, a desigualdade entre homens e mulheres se acentua. Tal fato deve-se em parte às restrições legais para a inserção da mulher na sociedade, limitações quanto à sua educação e direitos civis, revalidação do controle financeiro e familiar, inclusive da procriação, pelos maridos; e expansão do poder dos homens por meio do controle de outros povos com o imperialismo, como destaca a historiadora Anne Llewellyn Barstow (apud Lins (2013, p.112, v.2)

Com o advento da Revolução industrial, as famílias que eram em grande número e habitava nos campos migra para as cidades, o que divide ainda mais os papéis sociais entre homens e mulheres.

Enquanto ao homem era cabido o trabalho fora de casa e o sustento do lar, às mulheres ficavam reservadas as tarefas domésticas e a educação dos filhos. Tal arranjo modificou também as relações amorosas entre o casal. Destaca Lins (2013, p.133, v.2):

Antes da revolução industrial as famílias eram extensas -pai, mãe, filhos, primos, tios, avós, e as exigências emocionais eram divididas por todos os membros que viviam juntos, geralmente no campo. No século XIX, muitos se deslocam para os centros urbanos para trabalhar nas fábricas e escritórios.

Surge a família nuclear – pai, mãe, filhos. Longe do apoio familiar, a vida fica mais fácil quando se desenvolve um vínculo forte entre o casal. O amor romântico torna-se então uma possibilidade no casamento.

Assim, o lar era tido como uma fortaleza contra as intempéries do mundo competitivo que se iniciava com a era da industrialização.

O estabelecimento de papéis bem delimitados quanto à atuação do homem e da mulher na família indicavam que a mulher devia resguardar o ambiente para que tudo corresse bem e em harmonia em relação à criação dos filhos e cuidados com o esposo. À mulher estava reservado o papel feminino de mãe e apaziguadora do lar. Ao esposo era reservada a manutenção financeira do lar. O ideal de casal embasado no romantismo estava alicerçado nos votos feitos no casamento e na possibilidade da felicidade ao lado do companheiro e da companheira ideal, referendado no amor romântico.

Conforme aponta Aboim (2009, p.1):

O amor ganhou protagonismo crescente desde as primeiras décadas do século XX. Primeiro, tornou-se central na reconstituição histórica da vida privada, desde que Ariès (1973 [1960]) ou Shorter (1995 [1975]) elegeram a sentimentalização das relações familiares como uma das linhas de força da modernidade, frisando a importância do romantismo que, florescente no século XIX, concedeu destaque aos afetos – entre cônjuges, entre pais e filhos –, legitimando um ideal de família-refúgio, íntima e livremente escolhida (Costa, 2005).

A busca pela emancipação feminina nas sociedades ocidentais, e os aspectos decorrentes das mudanças nos papéis sociais advindos da maior ocupação da mulher dos espaços sociais e de trabalho tem também alterado as relações amorosas, notadamente, a partir do século XX.

As características da urbanização, que é a marca essencial da sociedade moderna, impactou as relações amorosas profundamente, e colocou em xeque os modelos tradicionais de conjugalidade baseados no princípio único da referência matrimonial para fins de constituição familiar, onde o comum era o poder do patriarca sobre a mulher/mãe e os filhos.

Nesse sentido, comenta Aboim (op. cit., p.03):

A passagem tendencial de modelos institucionalistas, arredados dos sentimentos, para a família moderna, teorizada desde Durkeim (1975 [1895]) a Parsons (1955), conta uma história feita de afetos. [...] No entanto, desde cedo, se complexificou este ideal de conjugalidade. Burgess, Locke e

Thomes (1960 [1945]), ao diagnosticarem o declínio da família-instituição, introduziram a noção de "companheirismo" para descrever um casal romântico e dependente, mas também negocial e tendencialmente paritário. Mais recentemente, Roussel (1991) sugeriu a idéia de "família-club" como ex-libris do casal associativo moderno, ultrapassando-se, em larga medida, o companheirismo fusional que Burgess, Locke e Thomes haviam proposto. Similarmente, Théry (2000) faz referência à passagem do "casal cadeia", institucionalista e subordinado à reprodução social, ao "casal duo", afetivo, igualitário e autônomo.

Como se vê, as relações amorosas e de conjugalidade foram sendo transformadas ao longo do tempo e as mudanças sociais e relações amorosas reciprocamente se influenciaram, possibilitando novas formas de existência de relações amorosas que não se restringem somente ao casamento ou ao amor romântico.

No que tange à transformação das relações de conjugalidade, no Brasil merece destaque a lei do divórcio – Lei n.º 6.515, datada de 1977, que acaba com a indissolubilidade do casamento proposta pela hegemonia religiosa e também pela determinação legal brasileira até então. Essa lei representou grande avanço na emancipação feminina e na inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como na disposição de igualdade da formação familiar, reafirmada anos depois pela Constituição Federal de 1988, e posteriormente pelo Código Civil de 2002. Efetivamente, as relações indissolúveis pela constância obrigatória do casamento, tiveram por via legal possibilidade de dissolução, originando novas formas de constituição da conjugalidade, e a visão do *casamento para sempre* e do amor eterno é revista. (GAGLIANO, 2012)

Com as mudanças ocorridas na sociedade ocidental, uma outra concepção de amor que emerge no século XX é a do amor como prática social, e tem como estrado a obra do sociólogo Michel Bozon (2005) citado por Oltramari e Grossi (2010).

Esse autor apreende o amor como prática social que se constitui no cotidiano a partir do estabelecimento de relações onde um componente da díade amorosa *concede-se, a si mesmo, ao outro, [...] o sujeito que ama constrói a pessoa amada através de um poder que dá a ela* (op cit, 2010, p. 375)

Para Bozon, apud Oltramari (2009, 2010) os intercâmbios que os envolvidos fazem entre si na relação é que estruturam o amor e que o constituem.

A construção da intimidade, que se dá passo a passo numa relação afetiva, principalmente por meio das trocas de confidências, são práticas sociais que vão constituir-se em amor.

Outro autor que se destaca quanto à concepção de amor como prática social é Luhmann (1990), que salienta que o amor é construído por meio das relações sociais e de comunicação entre as pessoas.

Para esse autor, as trocas de experiência e de informações entre um e outro ser, através dos processos de comunicação que se estabelecem nas relações sociais, é que possibilitam o amor.

Na ótica da Psicologia, para além dessa divisão entre o amor como sentimento e o amor como prática social, destaca-se o entendimento do amor híbrido, termo utilizado por Oltramari e Grossi (2010) para designar o amor na contemporaneidade.

O amor híbrido é visto como uma junção tanto do amor sentido como do amor construído através do contato ao longo do tempo, da troca de informações e partilhar da intimidade.

Quando se relacionam afetivamente e intimamente, as pessoas atribuem o significado de amor tanto aos sentimentos de dedicação, necessidade de estar próximo, de fazer algo pelo outro. Ao mesmo tempo, também de sentir-se querido e desejado pelo outro e também querer e desejar o outro; tanto quanto às construções feitas por meio da troca de informações e conhecimentos sobre o outro.

Nesse sentido, o amor híbrido abarca, num mesmo patamar, as construções sociais do que é considerado como intimidade pelo casal, como por exemplo a proximidade de compartilhar segredos, e o que é atribuído como sentimento em relação ao outro.

Expõem os autores:

Compreendemos as relações amorosas de forma híbrida, constituídas através das práticas sociais, mas vivenciadas como sentimento. [...] Existe uma relação constituidora do amor a partir das mais variadas interações sociais que o conduzem a uma ação prática, mas que ele é, sim, vivenciado como um sentimento dentro dos universos circundantes entre as pessoas. (OLTRAMARI E GROSSI, 2010, p.379)

O amor híbrido caracteriza-se, assim, por uma mescla entre *sentimento* e *construção social*, baseada na interação de pessoas, que vai aparecer concomitantemente na relação do casal.

Na atualidade, outro autor chama a atenção para a vivência do amor: Zygmunt Bauman, em seu livro **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos (2004), faz uma reflexão sobre a falta de referenciais morais sólidos e as constantes incertezas e instabilidades da modernidade e seu reflexo no estabelecimento das relações afetivas.

Por meio de pesquisas em sites virtuais de relacionamentos, o autor observou que as relações sociais, antes embasadas por uma responsabilidade mútua entre os pares afetivos, estão sendo substituídas por relações virtuais, que o autor chama de *conexão*, cujo maior atrativo, conforme constatou o autor, é a ausência dessa responsabilidade mútua, e a facilidade de deixar o contato que se estabeleceu via *chat* (salas de bate-papo virtuais acessadas via internet), pois basta sair do *chat*, ou trocar de *nick* (apelido utilizado para entrar numa sala de bate-papo virtual), e encontrar um outro par para se conectar que pareça ser mais atrativo.

Bauman (2004) destaca a fluidez dos laços humanos, cada vez mais volúveis e passageiros, enfatizando o que chamou de liquidez nas relações afetivas, cada vez mais descomprometidas da permanência na conjugalidade.

A característica das relações como encontros momentâneos e passageiros, sem comprometimento com o cuidado ou com o cultivo de contato é que torna o “amor líquido”. Para o autor, tal fluidez é, em parte, resultado de um mundo cada vez mais veloz e tecnológico, cujos contatos virtuais substituem os reais e não exigem dos sujeitos do encontro nenhum tipo de comprometimento com a permanência dos relacionamentos a longo prazo, de modo que as relações se dão condensadas em laços momentâneos.

Essa fluidez do amor, o chamado “amor líquido”, ao mesmo tempo que permite uma variedade de parceiros e parceiras nos relacionamentos também demonstra a fragilidade dos laços humanos, laços que sem investimentos afetivos que os fortaleça acabam por tornar-se por demasiado efêmeros e banalizados.

Outra característica que emerge dos contextos altamente tecnológicos e fluidos em termos de relacionamentos é o sentimento de solidão, o estar só ainda que conectado a muitas pessoas, o sentir-se só na expressão das emoções e na superficialidade dos contatos que se dão nos encontros, o que Bauman (2004) destaca como uma dificuldade de comunicação afetiva.

Para ilustrar a fragilidade das relações em tempos do que o autor batizou como “modernidade líquida”, e menciona o exemplo de um vaso de cristal, que se quebra à primeira queda, referindo-se à pouca durabilidade das relações num mundo em que todos querem relacionar-se, mas não conseguem fazê-lo por medos, inseguranças, ou na tentativa de evitar problemas com os quais não conseguem lidar cortando vínculos a eles relacionados, e buscando outros, se os anteriores por algum motivo não se mostraram satisfatórios.

Para explicar as relações amorosas em “Amor Líquido”, Bauman destaca os conceitos de *afinidade* e *parentesco*. Por *afinidade* o autor compreende os laços afetivos que são escolhidos, em contraposição ao *parentesco*, relativo aos laços que não escolhemos, que

nos foram impostos, e que são inquebráveis. Não obstante essa contraposição, o autor sugere que o objetivo da afinidade é ser como o parentesco. Destaca, porém, que numa sociedade de total “descartabilidade”, até mesmo as afinidades estão se tornando raras. (BAUMAN, 2004)

2.0 A COMPLEXIDADE DO CONHECIMENTO SOBRE O MUNDO E A TEORIA DOS MODELOS ORGANIZADORES DO PENSAMENTO COMO PROPOSTA PARA COMPREENSÃO DOS SIGNIFICADOS DO AMOR NA MATURIDADE

O modo de conhecer o mundo moderno exige cada vez mais o olhar da complexidade. A compreensão do ser no mundo, na atualidade, implica afirmar que as explicações pela via do paradigma da simplicidade (MORIN, 2000) não dão conta dos múltiplos vínculos e tessituras dos fenômenos.

Em recente artigo publicado na revista “Superinteressante” (O mundo está muito complexo, São Paulo: Abril Editora, Edição 329 de Fevereiro/2014), Burgierman indica que são necessários novos modelos de compreensão da complexidade para que essa possa ser efetivada. Este é um desafio, já que a complexidade, em sua plenitude, não pode ser apreendida, mas sim realizarmos constantes aproximações dos mecanismos que a constituem.

A partir da revisão das ideias do físico americano Yaneer Bar-Yam, fundador do Instituto de Sistemas Complexos da Nova Inglaterra, o artigo elucida questões sobre a era da complexidade e uma nova compreensão dos acontecimentos no mundo, nas mais variadas áreas, e enfatiza: *não há regras simples para lidar com o que é complexo* (BAR-YAM citado por BURGIERMAN, 2014, P. 51).

Na atualidade, vivemos a era mais complexa que já existiu: o uso da internet, a transmissão de informações em tempo real, o estabelecimento de relações virtuais, a exposição da vida particular mediada pelo computador via redes sociais, e o modo como as relações se organizam com todas essas alterações demandam um entendimento de toda essa teia de afetos, informações e significações que privilegiem o complexo.

Edgar Morin (2000), destaca em sua obra a caracterização do complexo como algo que não pode ser reduzido, e que é construído numa trama de formas que permitam a expressão do uno e do múltiplo ao mesmo tempo, assim como a expressão da ordem e da desordem, do sujeito e do objeto; de conceitos, que até então, pela tentativa de se explicar o universo e as relações de modo simplista, eram considerados excludentes.

Para Morin, o complexo é a existência de múltiplas possibilidades na ocorrência de um mesmo fenômeno, e o autor amplia essa visão para a compreensão de todo o universo. Lemos de Souza (2009, p.3) complementa essa ideia, destacando que *a complexidade é compreendida pela quantidade de interações possíveis num/entre um conjunto de sistemas*.

Considerando a complexidade como imanente aos pensamentos, sentimentos e ações, a teoria dos modelos organizadores do pensamento permite a compreensão do modo como o sujeito compreende e/ou compreende a realidade.

As primeiras noções sobre os modelos organizadores foram desenvolvidas a partir dos conceitos de percepção e significados, apresentados pelas Professoras Moreno e Sastre e colaboradores (1999, 2010), que traçaram um breve panorama de suas trajetórias na busca da compreensão do funcionamento do psiquismo humano em relação às estruturas mentais, a partir da obra de Jean Piaget, num diálogo com o autor e no desenvolvimento de pressupostos outros que constituem as referências norteadoras dos modelos organizadores do pensamento.

Os modelos organizadores do pensamento são conjuntos de representações que o sujeito elabora a partir da abstração de elementos e significados sobre o real, sendo considerado real o que o sujeito acredita que é o real, implicando-se aí as realidades objetiva e subjetiva. Desse modo, a objetivo da teoria dos modelos organizadores do pensamento é estudar o funcionamento psíquico considerando a complexidade envolvida no processo e conhecer.

É uma proposta recente e implicada na compreensão do dinamismo psíquico na forma como as pessoas compreendem a sua relação com o mundo e consigo mesmo, com a experiência – e atribuição de sentido, o que norteia a resolução de problemas.

A partir dessas reflexões, a teoria dos modelos está preocupada com a realidade interna do sujeito, com o que o sujeito experiencia nas relações que estabelece, tendo isto como um pressuposto; busca explicar a dinâmica: como ele pensa, como a experiência se processa; como o indivíduo está funcionando em relação a um determinado problema. Neste sentido, o modelo organizador é um conjunto de representações. Deste modo, um conceito não é algo só que pode ser descrito em palavras, ele se insere em palavras, mas não é um produto só de palavras, mas de sensações, percepções, encerra uma série de outras ações, de simbolismos, de significados outros. O processo de representação em si não pode ser feito de uma única perspectiva. Uma ideia a considerar é a de que o processo de desenvolvimento humano, *sendo complexo, não precisa, e nem deve, ser caracterizado por um modelo simples*. (LEWIS, 1999, p. 59).

O paradigma da simplicidade é um paradigma que põe ordem no universo e expulsa dele a desordem. A ordem reduz-se a uma lei, a um princípio. (MORIN, 2000). O complexo é o não reduzível, o não totalmente unificável, o não totalmente diversificável. É aquilo que é tecido simultaneamente, aí subentendidos ordem/desordem, um/múltiplo, todo/partes, objeto/meio ambiente, objeto/sujeito, claro/escuro...tudo é complexo: a realidade

física, a lógica, a vida, o ser humano, a sociedade, a biosfera, a era planetária (MORIN, 2005).

Alguns conceitos e proposições acerca da complexidade pautam a teoria dos modelos organizadores do pensamento, aproximam-se de uma concepção de sujeito como *unitasmultiplex* (da unidade e da multiplicidade) (LEMOS de SOUZA, 2009). Tal conceito discutido pelo filósofo Edgar Morin (2000, 2003) tem origem no latim e refere-se à importância do pensamento complexo, com uma concepção da realidade como sistêmica e interconectada, com manifestações por meio de uma multiplicidade de fenômenos e da simultaneidade de proposições que aparentemente são contraditórias.

É preciso entender como é essa dinâmica, que não é binária, como exemplo, a oposição entre o todo e as partes. A compreensão do conceito de *unitasmultiplex* torna inteligível essas oposições aparentes na ocorrência de uma simultaneidade; a partir dessa compreensão é possível ampliar os horizontes, contemplar luz e sombra, pensar numa outra forma de pensar.(MORIN, 2005)

Neste sentido, o modelo organizador pode ser entendido como um macroconceito pois agrega outros conceitos: o conceito de estrutura, de significados; o pensar de maneira múltipla, mas nunca só múltipla.

Um exemplo é quando se fala de *identidade*. É um conceito que faz parte de um processo de reconhecimento de si mesmo para se relacionar com os outros, é a percepção de modo de um fluxo, é um processo, é o que me encerra num lugar. Assim, a ideia de *unitasmultipla* remete-nos a um sujeito multideterminado, mas único em seu modo de existir naquele contexto, naquele dado momento.

A noção de sujeito articula incertezas e certezas, único e múltiplo, e a teoria dos modelos organizadores do pensamento insere: “[...] a necessidade de modelos capazes de descrever e interpretar simultaneamente o que permanece e o que muda”, isto é, capazes de dar conta da complexidade (MORENO, 1999, p. 16-17)

Deste modo há a busca de uma visão integrativa do sujeito individual e social, que não está desvincilhada dos processos de experiência e da criação dos modelos organizadores de cada um, tendo em vista a complexidade do mundo, que é impossível abarcar como todo; mas a partir de um ponto, de um pequeno recorte , dentro de um espaço e de um tempo, composto pelo vivido e pelo significado a ele atribuído, e, a partir daí estudar os fenômenos da natureza humana.

As autoras tentam integrar esse duplo que se mantém: a ideia de sujeito e conhecimento, o sujeito que pensa sobre a realidade e age sobre ela, mas cada um percebe a

realidade de uma maneira, e esse *cada um* não é um indivíduo que não compartilha nada, pelo contrário, alguns sentidos são compartilhados, pois refere-se, também, à experiência vivida num contexto social .

Um modelo tem a ver sobre como o sujeito constrói a realidade do ponto de vista dos processos mentais, e de que nessa implicação comparecem os afetos e os sentimentos junto com a razão. Moreno (et al, 1999, p. 78) destaca que:

[...] o indivíduo constrói modelos da realidade que lhe permitem orientar-se e conhecer grande parte do mundo que o rodeia, tentaremos estudar quais são as características, o funcionamento e as formas como os constrói. Diante de acontecimentos observáveis, a partir dos quais é possível realizar diversas interpretações, cada indivíduo seleciona e organiza uma série de dados, a partir dos quais constrói o que denominamos um *modelo organizador*. (grifado na obra original)

Assim, os modelos organizadores são processos cognitivo-afetivos que se relacionam com o contexto social no qual se vive, e que permitem compreender os afetos com relação às pessoas, e nomear sentimentos.

Os modelos organizadores tentam ampliar a análise desses processos mentais que eram investigados de maneira compartimentalizada até então, a partir de estudos com atenção, percepção, sensação, memória e outros, considerados como processos psicológicos básicos, inserindo nestas análises os afetos também.

Há um papel social muito grande na produção desses processos mentais, objeto de investigação das autoras Moreno e Sastre (1999, 2010) a partir da Teoria dos Modelos Organizadores. Para elas, as relações sociais tem origem no biológico. E o amor, que é um sentimento que organiza as relações sociais, é uma produção originalmente biológica, mas não se limita a tal, uma vez que é profundamente influenciado pela cultura e pelas relações sociais. Há uma interação entre o biológico e o cultural (conteúdos sociais). O modo como os modelos organizadores atuam reflete como o sujeito, em diferentes momentos, em diferentes situações, pensa sobre algo.

As autoras Moreno e Sastre (1999, 2010) dizem que os sentimentos são naturalizados – como emoções também o são, o que caracteriza uma contribuição muito importante do trabalho delas.

Deve-se considerar a experiência: como a pessoa experimenta as sensações, as palavras, os gestos, o falar na experiência vivida. Conforme indicam em sua obra

Conhecimento e mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento,
Moreno & Sastre e colaboradores:

[...] as ações de um indivíduo são conduzidas, não por uma tentativa de adaptação à realidade objetiva, mas pelo que cada um acredita que esta é, ou seja, a sua realidade subjetiva, organizada pelos modelos que constrói a partir da realidade objetiva. Para cada um só é verdade aquilo em que acredita e só é possível aquilo que é capaz de imaginar. (MORENO & SASTRE et al., 1999, p. 370)

Cada pessoa, em seu modo particular de compreender o mundo e suas experiências, constrói, a partir de seus modelos organizadores, suas ações e perspectivas. Assim, ressaltam as autoras:

Os modelos organizadores não cumprem só a função de servir de base para a explicação de alguns fatos; servem também de ponto de partida para a ação, já que esta não tem como base a realidade, mas o que cada um acredita que é a realidade; dessa forma, nossas convicções guiam nossos atos mais que os fatos objetivos, o que equivale a dizer que construímos modelos da realidade. (MORENO & SASTRE et al., 1999, p. 91)

Uma vez que a interação com a realidade objetiva é dinâmica e complexa, constantemente estão sendo criados novos modelos organizadores do pensamento, enquanto outros modelos são deixados para trás.

Nesse sentido, a contribuição de Lemos de Souza :

Tais modelos mudam diante das situações encontradas, rechaçando alguns e construindo outros. Essa transformação ocorre no sujeito durante as interações que estabelece, nas quais são desencadeados processos adaptativos/criativos/organizativos da atividade psíquica que buscam incorporar a realidade objetiva à do próprio sujeito. (LEMO DE SOUZA, op cit, p. 12)

A realidade vivenciada pela pessoa vai ter papel importante na criação dos modelos organizadores do pensamento, e a interação com essa realidade vai provocando mudanças no modo como as situações são vividas, num *continuum* construir-se.

A Teoria dos Modelos Organizadores do pensamento contempla a complexidade que envolve o amor. As autoras Moreno & Sastre (2010), em sua obra **Cómo construimos universos**, falam sobre o amor a partir dessa concepção.

Para as autoras, o amor enseja o entendimento de um complexo de sentimentos, relacionados a um contexto, em que se lhe atribui significado e que faz parte de um *continuum*, construído a partir da experiência vivida pelo indivíduo durante sua existência, e que pode modificar-se com as mudanças que ocorrem durante o viver:

Consideramos que, em rigor, no se debería hablar de um sentimiento aislado, como poco se debería hacerlo de um pensamiento aislado o de uma operación mental aislada, porque cada uno de ellos está integrado dentro de sistemas de conjuntos que les confieren sentido, mientras que si permanecen aislados pierden su sentido al descontextualizarse. Así pues, cualquier sentimiento conlleva otros sentimientos que forman sistemas y que configuran el sentimiento em cuestión que focalicemos. Deberíamos hablar de conjunto de sentimientos o de “complejo emocional” (o de emociones) mas que de emoción o sentimiento como algo aislado. (MORENO & SASTRE, 2010, p. 21)

Consideramos que, a rigor, não se deveria falar de um sentimento isolado, como também não se deveria fazê-lo de um pensamento isolado ou de uma operação mental isolada, porque cada um deles está integrado dentro de sistemas de conjuntos que lhes conferem sentido, enquanto que se permanecem isolados, perdem seu sentido ao descontextualizar-se. Assim, qualquer sentimento implica outros sentimentos que formam sistemas e que configuram o sentimento em questão que focalizamos. Deveríamos falar de conjuntos de sentimentos ou de “complexo emocional” (ou de emoções) mais do que de emoção ou sentimento como algo isolado.

(Tradução nossa)

Moreno e Sastre (op. Cit.) compreendem que o amor deve ser contextualizado e entendido a partir do complexo mundo de significados que o sujeito que o vivencia lhe atribui, e que está intimamente ligada ao modo como esse sujeito se estrutura cognitivamente. O amor complexo define várias formas de amor.

Como vimos, os Modelos Organizadores do Pensamento são conjuntos de representações que são criadas continuamente por meio das experiências vividas, e servem de base para a atribuição dos significados dados a partir da experiência e na própria experiência do sujeito.

Metodologicamente, quando se trabalha com várias pessoas, vai-se destacando os elementos que são trazidos por essas pessoas como representativos de uma situação, fenômeno, vivência, o que aparece na linguagem, o que é expresso em relação a algo. Cada referência que a pessoa traz sobre aquele elemento, constitui-se como um modelo.

Conforme Moreno (et al, 1999, p. 78/79):

Diante de uma situação ou fenômeno, um observador não retém todos e cada um dos elementos que é possível considerar para representar essa situação ou fenômeno, mas somente alguns, aqueles aos quais, por diferentes razões, atribui significado. Estes passam a fazer parte do que denominamos “dados” no consequente modelo que o sujeito constrói sobre tais situações.

A partir daí, é possível compreender como esses modelos se organizam na composição das percepções e atribuições de sentido; esses implicados na vivência da experiência e no significado dessas experiências na vida da pessoa. Complementam as autoras que:

[...] disso deriva que nem todos os dados que é possível abstrair de um fato estão presentes no modelo organizador do sujeito, mas somente alguns, aqueles que para ele resultam mais significativos [...] Também figuram nele (no modelo organizador) dados que não existem na realidade que são produtos de inferências – nem sempre pertinentes- a partir de outros dados ou da compensação pela ausência de algum dado considerado necessário pelo sujeito e que este não hesita em acrescentar. Esses dados que podem ter ou não correlatos na realidade, têm, no entanto, dentro do modelo, o mesmo *status* daqueles que se originam de observáveis e têm, para quem os constrói, o mesmo caráter de “reais” que aqueles. (MORENO & SASTRE et al, 1999, p. 79)

Como vimos, os modelos organizadores constituem esquemas de representação da realidade e podem modificar-se ao longo do tempo e das experiências vividas por cada pessoa. Entendemos a partir do exposto, que também os significados atribuídos ao amor podem se modificar nos diversos períodos vividos pelas participantes desta pesquisa.

Assim, a Teoria dos Modelos Organizadores dos Pensamento, Moreno e Sastre (1999, p. 78):

Concebemos um modelo organizador como uma particular organização que o sujeito realiza dos dados que seleciona e elabora a partir de uma determinada situação, do significado que lhes atribui e das implicações que deles se originam. Tais dados procedem das percepções, das ações (tanto físicas como mentais) e do conhecimento em geral que o sujeito possui sobre uma certa situação, assim das inferências que a partir de tudo isso realiza.

A partir daí, ressaltam as autoras que uma mesma situação pode ser interpretada de diferentes maneiras conforme a representação mental que se faça dela.

Nestas representações constituintes dos modelos organizadores, destacam-se:

[...] os elementos presentes na situação, considerados básicos e fundamentais (que não são todos os possíveis) e a importância ou o valor que se dá a cada um deles. A cada um dos elementos considerados é atribuído espontaneamente um significado – ou talvez fosse melhor dizer que são considerados importantes em função do significado que lhes é atribuído, já que um elemento ou informação existe apenas se lhe for dado algum significado. (MORENO e SASTRE, et al, 2014, p. 84).

As autoras enfatizam que, *se não é atribuído significado a elementos que se podem perceber, esses elementos passam despercebidos ainda que presentes num determinado contexto* (op cit, 2014, p. 84).

Com base nesse referencial teórico e metodológico, buscamos pesquisar os significados do amor na vida de mulheres que, atualmente estão vivenciando o período da maturidade, contemplando suas vivências anteriores e experiências amorosas mais significativas.

3.0 A MATURIDADE

A maturidade é frequentemente associada à maturação sexual e à possibilidade de reprodução sexual para dar continuidade à espécie, notadamente referente ao conceito biológico de existência e manutenção das espécies no ambiente.

O próprio conceito de maturidade trazido pelo dicionário Aurélio, nos remete a essa idéia: *Maturidade: 1. Madureza; 2. Fisiol. Estado em que há maturação. 3. Época desse desenvolvimento; idade madura.*(AURÉLIO, s.d.)

Antropologicamente, Debert (1997), expõe o envelhecimento e a maturidade como produções sociais construídas ao longo do tempo, e que sofreram várias transformações, como a própria sociedade.

Destaca a autora que o envelhecer assumiu diversos significados, tanto relacionados às mudanças estruturais dos próprios modelos produtivos vividos pelas diversas culturas, quanto pelos modelos de juventude e velhice construídos na atual sociedade ocidental em que vivemos.

A autora explica que a *cronologização* do curso da vida, termo que designa a divisão da vida em períodos cronológicos, é relativamente recente, e teve seu início com a separação entre infância e idade adulta, construída a partir do século XIII. (ARIÈS, citado por DEBERT, 1997).

Posteriormente, essa cronologização do curso da vida foi dividida em infância, adolescência, idade adulta e velhice, em função do que a autora descreve como mudanças estruturais na economia, “...que transformaram-se em razão das modificações de uma economia doméstica para uma economia de mercado, caracterizada posteriormente no Estado Moderno como relativa [...] aos períodos de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria” (DEBERT, 1997, p. 03).

Na atualidade, Debert (op. cit) destaca a mudança na concepção de velhice, que antes era associada à disfuncionalidade e improdutividade, bem como à incapacidade de manter-se por si só, para uma valorização e midiaticização da fase madura como um período onde se pode desfrutar daquilo que não foi possível usufruir em momentos anteriores.

Indica ainda a criação de novos modelos de consumo, e de uma valorização da juventude como bem, que se pode perdurar ou prolongar com o uso de determinadas técnicas ou o consumo de determinados produtos e da realização de atividades específicas, independentemente da idade cronológica que o indivíduo possua.

A autora critica essa postura, por julgar que a mesma atribui ao próprio indivíduo a responsabilidade pelo seu envelhecimento e agruras advindas desse processo, em detrimento do desenvolvimento de políticas públicas que cuidem do envelhecer e dos processos disfuncionais dele decorrentes.

Salienta ainda que entre a velhice tardia – atribuída ao envelhecimento marcado pela falência do corpo e pela degeneração – e a idade adulta, situa-se a maturidade (que também chamou de meia-idade), que marca a transição entre a vida adulta e a velhice.

Em Psicologia, Erik H. Erikson (1998), ao pesquisar sobre o ciclo de vida humano, descreve a maturidade como sendo o período vivido após os quarenta anos de idade.

Erikson explicita o desenvolvimento humano a partir do que chamou de estágios psicossociais, dividindo-os em oito estágios, conforme a demanda central cronológica de cada estágio, que vai desde o nascimento até a morte.

Em cada período vivido pelo sujeito, há uma demanda social específica e uma tarefa central a ser executada, dando ênfase às relações estabelecidas com o ambiente na formação da personalidade, e o modo como o indivíduo lida com esses estágios será fundamental para a construção de sua identidade ao longo da vida.

O período de maturidade, descrito por Erikson como o que se desenrola após os quarenta anos, é o último estágio do ciclo vital, no qual o indivíduo vivencia o conflito central integridade do ego *versus* desespero.

Para este autor, a vivência da maturidade positivamente envolve aceitar a si mesmo com suas realizações e frustrações vividas ao longo da vida. Quando essa aceitação e integração das experiências anteriores com o que foi possível desenvolver até aquele momento não se dá, ocorre o desespero e o sentimento de solidão e desamparo.

Nesse sentido, a maturidade é vista como um período sombrio, em que prevalecerão os sentimentos de vazio e solidão e impossibilidade de auto-realização. Em contrapartida, aceitar a vida que teve e integrar suas expectativas e realizações, bem como suas frustrações, possibilita ao indivíduo a vivência de uma maturidade sadia, permeada pelo sentimento de valorização de si mesmo e de suas construções e desconstruções, além de transmitir sabedoria aos mais jovens, sendo muitas vezes, o centro de referência familiar nos momentos de crise.

Papalia e colaboradores (2009) destacam que a maturidade refere-se ao período da meia-idade, e que somente recentemente essa fase da vida começou a ser estudada, em virtude da expectativa de vida ter aumentado nos últimos anos nas sociedades industrializadas. Em

decorrência do aumento da expectativa de vida, “...a vida adulta intermediária é considerada uma fase distinta da vida, com suas próprias normas sociais, papéis, oportunidades e desafios”.(PAPALIA et al, 2009, p. 549)

Baseando-se nos estudos de Gullette (1998), Menon (2001) e Moen e Wethington (1999), Papalia destaca que a meia-idade é considerada um “constructo social”, e “...que algumas sociedades tradicionais como os hindus da casta superior da zona rural da Índia e os gusii no Quênia não reconhecem um estágio intermediária da vida adulta entre a juventude e a velhice”. (idem, p. 549)

Destaca Papalia que o período que demarca a meia-idade pode variar e que não há um consenso entre os estudiosos sobre seu início e seu final, pois tais demarcações dependem dos aspectos culturais e sociais envolvidos no contexto onde o indivíduo está situado, entre outros.

Cronologicamente, a autora indica o período entre 40 e 65 anos de vida para situar a meia-idade, porém, como destacado, a indicação da vivência da meia-idade vai depender muito do contexto onde a pessoa se insere, principalmente com relação ao núcleo familiar, o que pode ocasionar bastante variação na compreensão do período que define a meia-idade. Como salienta Papalia (2009, p. 550):

...uma pessoa de meia-idade às vezes é descrita como alguém que tem filhos mais velhos ou pais idosos. Contudo, atualmente, algumas pessoas com quarenta anos ou mais ainda estão educando os filhos; e alguns adultos de qualquer idade não tem nenhum. Aqueles que tem filhos mais velhos podem ver o ninho se esvaziando – ou se enchendo novamente.

Enquanto alguns indivíduos estão na faixa dos quarenta anos despedindo-se dos filhos criados, outros, por diversas razões, como casamentos tardios e os re-casamentos, entre elas; podem nessa mesma faixa etária, estar iniciando a constituição familiar, tendo filhos, ou criando filhos pequenos.

Outro aspecto relacionado à dificuldade de se definir especificamente o período da maturidade é o aspecto biológico.

Uma pessoa que se exercita e tenha uma vida saudável pode ser biologicamente mais jovem do que outras com menor faixa etária e que não pratica exercícios, como descreve Papalia (idem, p. 550): “um homem de cinquenta anos que se exercita regularmente provavelmente será biologicamente mais jovem do que um de quarenta anos cujo exercício mais árduo se resume a apertar o controle remoto.”

Assim, a experiência da meia-idade varia muito de pessoa para pessoa, e devemos considerar os aspectos relacionados à compreensão dos anos vividos, as expectativas em relação ao futuro, as frustrações vivenciadas no passado e seu impacto na vida atual dos indivíduos e também os aspectos positivos construídos através das conquistas e realizações que a pessoa experienciou.

De acordo com Lachman (2004) citado por Papalia et al (2009, p. 551):

“[...] a experiência da meia-idade varia de acordo com a saúde, o gênero, a raça/etnia, o nível socioeconômico, ... a cultura, assim como varia conforme a personalidade, a situação conjugal, a paternidade/maternidade e o emprego.[...] Para muitas pessoas, a meia-idade é repleta de pesadas responsabilidades e múltiplos e exigentes papéis, e o tempo para o lazer frequentemente padece. [...]Ao mesmo tempo, muitos adultos de meia-idade, já tendo deixado sua marca e criado os filhos, têm uma maior sensação de liberdade e independência. Muitos experimentam uma sensação mais intensa de sucesso e controle nas relações de trabalho e sociais, além de uma consciência mais realista de suas limitações.”

Como vimos, a maturidade implica encontrar-se num período da vida que traz em seu bojo experiências e gera também sabedoria, um conhecimento próprio do indivíduo acerca do seu tempo vivido e das suas experiências, o que inclui a experiência do amor e seus significados ao longo da trajetória do ser no mundo, tema central do presente trabalho.

4.0 O AMOR NA MATURIDADE: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Buscamos aqui analisar informações sobre o amor na maturidade com o intuito de compreender como são vividas as experiências amorosas por mulheres que encontram-se no período da maturidade e as configurações que tais experiências adquiriram ao longo do tempo, na vida de cada uma.

Inicialmente, esse estudo foi projetado para abranger participantes de ambos os sexos, por adesão à proposta da pesquisa. Após a aprovação do mesmo pelo comitê de ética e pesquisa - CEP, ocorreu que as pessoas que quiseram participar da coleta de dados foram todas mulheres vivenciando o período da maturidade. Daí o delineamento da pesquisa a partir do olhar feminino neste momento da vida.

Para a coleta de dados, que foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, elaboramos o conjunto de questões norteadoras que se segue, e que buscou compreender os significados do amor desde as experiências da juventude até a experiência atual – que é a vivência do período da maturidade para essas mulheres.

ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. O que é o amor/ar para você?
2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?
3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?
4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?
5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?
6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida

(juventude, idade adulta, maturidade)?

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram ?
8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

Após a elaboração das questões norteadoras supracitadas, as entrevistas foram realizadas com as dez participantes da pesquisa, todas vivenciando a maturidade. Os dados foram coletados no período compreendido entre novembro de 2014 e junho de 2015.

O estudo pretendeu identificar as experiências amorosas mais significativas temporalmente, considerando sua dinâmica ao passar dos anos, e contemplando os significados do amor e a vivência das relações amorosas para essas pessoas, buscando compreender os modelos organizadores predominantes no relato de cada participante, a partir da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, proposta por Moreno e Sastre e colaboradores (1999, 2010, 2014).

Pretendeu-se ainda investigar a partir das experiências vividas: o que constitui o amor, a mudança de significados atribuídos ao amor conforme a ocorrência da maturidade se deu, e as expectativas em relação ao amor e às experiências amorosas, bem como as dificuldades encontradas ao experienciar o amor durante o período da juventude, da idade adulta e da maturidade.

À medida em que compreendemos a ocorrência do amor e seus diversos significados, podemos também entender com mais clareza a teia das relações que o constituem.

A compreensão dos significados do amor e das relações amorosas a partir dos Modelos Organizadores do Pensamento se deu em virtude de ser essa abordagem teórica privilegiadora da complexidade que o amor ensaja, daí decorrendo a escolha por esse referencial teórico, o que nos possibilitou identificar os modelos mais presentes nos relatos de cada mulher que entrevistamos.

Após a descrição das entrevistas foi realizada a análise das mesmas com ênfase na compreensão dos modelos organizadores mais presentes no relato das participantes, a partir dos *elementos* que compõem cada relato, e dos *significados* que lhes foi atribuído;

constituintes dos modelos organizadores mais presentes em cada relato de cada participante. Entendemos, como já mencionado no trabalho, “ que os **elementos** são considerados importantes em função do significado que lhes é atribuído, já que um elemento ou informação existe apenas se lhe for dado um significado.” (op cit, 2014: p. 84)

Apresentaremos a seguir uma análise das entrevistas, na qual os dados mais relevantes para a investigação dos modelos organizadores. Os excertos destacados se referem a posicionamentos marcantes das entrevistadas e que desvelam o modo como significam o amor e o amor ao longo de suas histórias de vida amorosa. , organizados considerando os questionamentos feitos junto às participantes da pesquisa.

Em sequência, apontamos os possíveis modelos organizadores produzidos e o que nos dizem sobre os significados do amor para cada uma delas. Neste momento, tentamos esmiuçar a dinâmica dos processos cognitivo-afetivos envolvidos nas representações das participantes.

Em seguida, tentamos problematizar os modelos e suas vinculações com as questões de manutenção da vida familiar nuclear.

Cada uma das pessoas que participaram da pesquisa nos remeteu a um trecho de música ou a uma poesia, motivo pelo qual iniciamos cada relato que se segue com recortes dessas memórias poéticas. Os nomes das participantes e das pessoas mencionadas por elas nos relatos foram alterados a fim de preservar sua privacidade.

Veremos a transcrição dos trechos das entrevistas, os elementos de maior relevância presentes nos relatos e o desdobrar da atribuição de significados em suas respectivas análises, nas quais expressam-se os modelos organizadores mais utilizados pelas entrevistadas em relação à vivência do amor.

Que a força do medo que tenho
não me impeça de ver o que anseio
que a morte de tudo em que acredito
não me tape os ouvidos e a boca
porque metade de mim é o que eu grito
mas a outra metade é silêncio.
Que a música que ouço ao longe
seja linda ainda que tristeza
que a mulher que amo seja pra sempre amada
mesmo que distante
porque metade de mim é partida
mas a outra metade é saudade.
Que as palavras que eu falo
não sejam ouvidas como prece e nem repetidas com fervor
apenas respeitadas como a única coisa
que resta a um homem inundado de sentimentos
porque metade de mim é o que ouço
mas a outra metade é o que calo.
Que essa minha vontade de ir embora
se transforme na calma e na paz que eu mereço
e que essa tensão que me corrói por dentro
seja um dia recompensada
porque metade de mim é o que penso
mas a outra metade é um vulcão.
Que o medo da solidão se afaste
e que o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável
que o espelho reflita em meu rosto num doce sorriso
que eu me lembro ter dado na infância
porque metade de mim é a lembrança do que fui
a outra metade não sei.
Que não seja preciso mais do que uma simples alegria
pra me fazer aquietar o espírito
e que o teu silêncio me fale cada vez mais
porque metade de mim é abrigo
mas a outra metade é cansaço.
Que a arte nos aponte uma resposta
mesmo que ela não saiba
e que ninguém a tente complicar
porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer
porque metade de mim é platéia
e a outra metade é canção.
E que a minha loucura seja perdoada
porque metade de mim é amor
e a outra metade também.

Anna

*Eu quero a sorte de um amor tranquilo,
com sabor de fruta mordida
Nós na batida, no embalo da rede
Matando a sede na saliva
Ser teu pão, ser tua comida, todo o amor
que houver nessa vida...*

Cazuza

Anna tem 43 anos, atualmente está cursando a faculdade de Pedagogia. Vivencia o segundo casamento, após uma primeira relação cujo namoro durou três anos e o casamento somente sete meses. Tem dois filhos desse relacionamento de vinte e cinco anos com seu segundo marido, que perdura até hoje.

1. O que é o amor para você?

O amor para mim é uma coisa que acontece sem querer e vem de dentro.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

Na minha juventude não foi muito boa, passei por dificuldade, conheci uma pessoa namorei três anos, me casei e com sete meses ele foi embora. Me recuperei ... , pois passado um ano conheci meu marido que é pai dos meus grandes amores, meus dois filhos.

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

Na minha vida atual sou feliz, mas quem não tem dificuldade? Acho que todo mundo tem um pouco, são duas pessoas de família diferente que tem que adaptar (sic) com cada costume diferente.

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

Na vida atual estou amando, como já passou 25 anos agora já nos adaptamos (sic) com os costumes um do outro e formamos uma família muito feliz, construímos nossa casa, tivemos dois lindos filhos e vivemos feliz... Espero seja eterno (sic), até morte.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

Vivo um relacionamento acho que do jeito que está tá ótimo (sic), nos combinamos muito bem.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Claro, na minha juventude era muito criança... Agora na vida adulta vejo como é diferente, acho que cada período muda o jeito pensar.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Esta mudança neste período é muito boa, mais responsabilidade... Respeitamos um a outro somos marido, mulher, amigo, companheiro em qualquer hora na doença na saúde e na felicidade.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

Esperamos que no futuro continue do jeito que está, sempre amigos, amando, respeitando. De nosso relacionamento esperamos que nós sejamos feliz para sempre(sic).

Para Anna, o amor tem como elemento predominante o da estabilidade. Após uma primeira decepção, no período da juventude, Anna conhece seu companheiro atual, cuja união perdura há vinte e cinco anos e é descrita como respeitosa, de companheirismo, com a forte indicação de construir e permanecer na estrutura familiar, coroada pela vinda dos dois filhos.

Podemos descrever o relato de Anna como marcado pelos seguintes elementos:

- A primeira experiência do amor vivenciado na juventude não foi muito boa pois após três anos de namoro resultou em casamento com pouco tempo de duração (sete meses).
- Recuperou-se do rompimento da relação e conheceu o marido com quem construiu uma família e vive junto há vinte e cinco anos.
- Houve mudança no modo de amar do período da juventude para o período da maturidade.
- A constituição familiar e a geração dos filhos estruturam a relação que mantém com o marido.
- Há reciprocidade e complementariedade no relacionamento do casal.
- Existe na atualidade o desejo de que o relacionamento construído com o atual marido permaneça e que sejam felizes para sempre.

Os seguintes significados foram apresentados no relato de Anna:

O amor é uma experiência arrebatadora, singular e interna além de que, há o desejo de que perdure para o resto da vida.

O amor vem com desilusão (na juventude), mas depois se transforma em companheirismo/reciprocidade e estabilidade ao longo do tempo. Mesmo com pessoas diferentes.

O amor passou por adaptações ao longo do convívio de vinte e cinco anos com o companheiro atual, o que se deu por meio da constituição familiar e da geração dos dois filhos.

De acordo com Moreno e Sastre (2014, p. 229), “O significado que cada indivíduo dá aos sentimentos amorosos depende de sua história pessoal e da especificidade do vínculo que está criando”.

Para Anna a vida é feliz, e os problemas, que surgem são corriqueiros, já que a união do casal é fortalecida para enfrentar as dificuldades que surjam.

Não há grandes expectativas de mudança em relação ao futuro, que ela gostaria que se mantivesse do jeito que está.

Anna alcançou um conhecimento do companheiro e ele dela que os tornou perfeitamente adaptados à vida conjugal, tendo superado as dificuldades iniciais da

constituição familiar e deseja manter a harmonia no relacionamento, tal qual já tem se dado atualmente.

Se a desilusão inicial de sua juventude afetou Anna, foi no sentido dela buscar estabilidade e harmonia num relacionamento conjugal, o que se configura no modo tranquilo e harmonioso como se refere ao companheiro, na amizade que possuem, na permanência deles juntos diante das dificuldades e no desejo de que esse ambiente tranquilo e harmônico se estenda até a morte.

Não aparecem menções a problemas ou dificuldades de maior intensidade, demonstrando uma grande idealização do relacionamento, que culmina com o desejo de felicidade até a morte.

Embora não sejam descritos fatos que contradigam a harmonia que vivencia o casal, a permanente estabilidade e tranquilidade que se apresenta no relato de Anna indica que a referência desse amor que se manteve ao longo do tempo está pautada mais na amizade e no companheirismo que o casal construiu durante sua convivência do que no romance propriamente dito, não há menção a nenhum tipo de intimidade do casal ou descrição de sentimentos mais exacerbados em relação a manifestações de carinho ou paixão.

Anna refere-se à vivência do amor na sua juventude como sendo muito criança, demonstrando assim que a paixão que sentiu pelo amor que a desiludiu foi uma expressão de imaturidade.

Já o amor construído e mantido com seu companheiro atual, que gerou dois filhos na constituição familiar, é descrito como algo tranquilo, respeitoso, mútuo, e por estas características, um amor maduro.

O desejo de permanência desta tranquilidade e constância expressa-se na expectativa da continuidade da relação, como está, até a morte. Felizes para sempre.

A vivência do amor para Anna modificou-se ao longo de sua vida e de sua experiência enquanto parte do casal, e o objetivo central de alcançar a harmonia, a perfeita adaptação, foi alcançado, como ela descreveu, superando as dificuldades iniciais de adaptação, pois eram pessoas de famílias diferentes, com hábitos diferentes, e que no momento, estão em perfeita sintonia, e podem contar um com o outro para o que precisarem enfrentar.

Anna demonstra estar satisfeita com seu relacionamento atual e com a tranquilidade que alcançou ao longo dos anos que tem partilhado a vida com o companheiro, embora haja a presença de um futuro idealizado de felicidade eterna.

Outro elemento que podemos destacar de Anna, na atualidade, pauta-se na estrutura familiar como referência de segurança, de afeto e de companheirismo, como se a presença do companheiro e a união e amizade do casal fosse capaz de enfrentar e superar qualquer dificuldade que se apresente.

A vinda dos filhos e a permanência com a família construída após uma decepção na juventude fortaleceram o estreitamento dos laços familiares e há grande ênfase na adaptação que tiveram à vida conjugal e familiar, que ela almeja que perdure para sempre.

Bertha

*Quem vai dizer ao coração,
Que a paixão não é loucura
Mesmo que pareça
Insano acreditar
Me apaixonei por um olhar
Por um gesto de ternura
Mesmo sem palavra
Alguma pra falar
Meu amor, a vida passa num instante
E um instante é muito pouco pra sonhar
Quando a gente ama,
Simplesmente ama
E é impossível explicar
Quando a gente ama
Simplesmente !*

Oswaldo Montenegro

Bertha tem 49 anos e é funcionária pública da área administrativa. Vivenciou um amor na juventude com o qual experienciou uma grande decepção. Esse relacionamento da juventude foi o gerador de grande desconfiança, que se manteve em sua vida ao longo do tempo, permeando todos os vínculos amorosos que ela procurou estabelecer. Após trinta e três anos de separação, entremeados por vários relacionamentos frustrados pela desconfiança, reencontrou a mesma pessoa, com quem mantém acerca de dois anos um relacionamento estável.

1. O que é o amor para você?

É um sentimento que consegui sentir por um alguém através de sorrisos, olhares, gestos, atitudes, palavras... E com a aproximação foi crescendo e querendo cada vez mais estar com aquela companhia que juntos fizemos crescer algo ou seja sendo correspondido por ambos.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

- Com quinze anos tive um amor muito concorrido com muitas meninas e ele considerado o garanhão... Conquistador.

- Sim, uma das concorrentes era minha própria irmã.

- Ao saber por ela mesma, que tinha ficado com ele, depois de ter me trazido embora... Agredi ela com tapas e gritos e muito choro.

- A pessoa mais ridícula da face da terra, a mais horrível e tonta.

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

- Tive vários relacionamentos, sempre muito desconfiada.

- Sim... A desconfiança me assombra.

-Tinha pensamentos que me deixava insegura, aquela vontade de sondar para ver se pegava algo.

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

- Com chances para mim mesma de acreditar, de confiar.

- Às vezes sim... O medo de estar sendo enganada.

- Mesmo a meio a este sentimento de medo... Porém feliz com meu relacionamento de hoje.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

- Sim

- Que eu não sofresse por tanto, desconfiança.

- Às vezes fico firme no que ouço e muito feliz, mas nem sempre eu consigo ficar segura.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Sim... Com essa frustração que me assombra... A desconfiança me torna uma pessoa fria, motivada somente pelos momentos.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

- Era uma espécie de procurar em outros tudo aquilo o que sonhei com aquele dos “meus quinze anos” e depois que acontecia... Não tinha mais graça ou seja, não queria mais... Inventava desculpas para acabar.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

- Em minha vida expectativas concluídas; realizada por estar com o homem dos meus 15 anos depois de trinta e três anos de separação, nós voltamos a se encontrar e já fazem dois anos que estamos juntos... Desejo que seja para sempre... Valeu a pena esperar.(sic)

- Hoje em meu relacionamento almejo amor, respeito, compreensão, confiança, carinho... Enfim espero que em nós tenhamos a sabedoria da felicidade!!!!

Bertha, no decorrer de seu relato apresentou de forma clara os seguintes elementos :

- Desconfiança nos relacionamentos, originada a partir de uma experiência de desilusão amorosa vivida aos quinze anos com a traição do namorado da época que ficou com sua irmã.
- Insegurança diante de novos relacionamentos.
- Medo de se relacionar e ser traída.
- Busca em outros relacionamentos daquilo que sonhou ter com o com o namorado de quando tinha quinze anos.
- Reencontro, após trinta e três anos de separação, com o mesmo namorado e desejo de permanência com o mesmo.

- Realização por ter esperado e reencontrado o primeiro amor e desejo de que o relacionamento dure para sempre.

Os seguintes significados foram apresentados no relato de Bertha:

Amar para Bertha é algo sensível, que se dá pela percepção do outro e deste para consigo. Uma espécie de sintonia gestual, sentimental e de reciprocidade.

Amar é se desiludir pelo ciúme e depois se recuperar... Um romance que Bertha viveu reencontrando seu amado 33 anos depois.

O amor é único e para sempre, o que é uma referência a um modelo de amor romantizado.

Bertha vivenciou uma experiência de muita frustração na juventude, quando a própria irmã ficou com a rapaz pelo qual ela era apaixonada. Na época, a irmã lhe contou o acontecido o que provocou nela um ciúme extremo, que acabou numa discussão com agressão física entre ela e a irmã. E um sentimento de profunda insegurança quanto aos relacionamentos que ela experienciou após esse fato.

Ela descreve a busca de um relacionamento no qual pudesse confiar novamente em alguém, e grande insegurança e desconfiança ao relacionar-se com as pessoas, estando constantemente em alerta para alguma traição, o que a deixou mais distante e menos emocionalmente envolvida com os parceiros que conheceu após o amor da juventude.

Desenvolve um modo de relacionar-se ligando-se somente momentaneamente às pessoas, a fim de evitar um apego maior que pudesse fazê-la sofrer caso ocorresse alguma traição.

A desconfiança de Bertha a levou a precaver-se nos relacionamentos que teve na vida adulta, e a insegurança tomou conta do seu ser, que buscava, mesmo após a adolescência, o amor dos quinze anos.

A atualidade para ela vem como uma segunda oportunidade de viver o amor da juventude, já que depois de trinta e três anos reencontrou o mesmo rapaz pelo qual se apaixonara aos quinze, e estão juntos há dois anos.

Porém, o medo da traição ainda a assombra, e Bertha quer se dar uma oportunidade de viver o amor com ele, quer acreditar nas coisas que ele lhe diz, mas a presença da insegurança ainda persiste.

Bertha está feliz em ter reencontrado seu amor de juventude após tanto tempo, e deseja que o relacionamento dure para sempre.

Após buscar, nos relacionamentos anteriores, aquilo que considerava o ideal do amor da juventude, reencontra-o e vivencia a conclusão de suas expectativas em relação ao amor; deseja que os dois tenham o futuro juntos.

Bertha demonstra ter procurado a vida toda por este reencontro, como uma vitória conquistada após o golpe sofrido aos quinze anos, como merecida compensação pelo desgosto e a insegurança que carregou durante anos, desde a decepção na juventude, a busca pelo mesmo amor na figura de outras pessoas, e finalmente o reencontro tão desejado.

O relacionamento que almeja é de reciprocidade, mas o medo de ser traída a acompanha. Como está atualmente ao lado daquele que sempre desejou, suas expectativas são de que permaneçam juntos.

A frustração de Bertha foi tão intensa na juventude que influenciou todos os outros relacionamentos que ela procurou ter, e este amor da juventude, tão idealizado, teve uma segunda chance agora, na maturidade. Esse relacionamento da juventude foi o gerador de grande desconfiança, que se manteve em sua vida ao longo do tempo, permeando todos os vínculos amorosos que ela procurou estabelecer.

Ao mesmo tempo em que Bertha está feliz, relata a sombra da insegurança a lhe perseguir. A idealização do amor da juventude se atualiza no presente momento da vida de Bertha, e quando ela diz que valeu a pena esperar, é como finalmente, ter alcançado o que tanto procurou por toda a vida.

O modelo organizador predominante de Bertha é o romântico. em como principal referência a desconfiança/ ciúmes, que permeou todas as relações que ela desenvolveu desde a adolescência, em razão da frustração que teve com o amor da juventude, que ela buscou incessantemente conquistar.

Esse amor da juventude retornou à vida dela recentemente, como uma espécie de compensação aos anos de sofrimento e insegurança vividos a partir da ocorrência da desilusão na adolescência, e continua bastante idealizado, como se estivesse tentando na atualidade recuperar o tempo perdido e encontrar a felicidade eterna ao lado do tão sonhado amor da juventude.

Celina

*Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente
Eu sei que vou te amar
E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida*

Vinícius de Moraes

Celina tem 52 anos e é Professora. Possui forte apego familiar e permaneceu no mesmo relacionamento afetivo da juventude até os dias atuais. Desse relacionamento teve uma filha. Vivenciou o amor desde a juventude com tranquilidade, tendo mais *pé no chão* na maturidade, e a presença da estrutura familiar da como base do relacionamento amoroso é constante no seu relato.

1. O que é o amor para você?

É estar perto da pessoa que escolhi para ser meu marido, amante e companheiro de todas as horas. Amor também é estar junto da minha família respeitando e ajudando quando precisam pois ela é a nossa base ou seja nosso porto seguro.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

O amor na minha juventude foi maravilhoso muito saudável, porque na minha época de adolescente os jovens eram mais românticos pois não se resumiam só em sexo! Era um namoro bacana como ir ao cinema, ao teatro, etc. Pois foi muito bacana me sentia uma rainha.

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

Foi super normal, pois venho de uma família humilde, mas me supriu de muito carinho e afeto. E levei a vida namorando, trabalhando, estudando, ou seja uma vida normal

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

Estou vivenciando uma fase bacana criando minha filha curtindo meu marido, estou realizando um sonho antigo que é cursar um ensino superior que lá atrás não tive oportunidade. Apesar de estar caminhando para a terceira idade, estou me sentindo muito bem.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

Sim e não gostaria que fosse diferente, pois está bom do jeito que está.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Sim pois na minha juventude era aquela paixão, na idade adulta já estava com os pés no chão e hoje já tenho maturidade suficiente para amar e também superar os obstáculos que a vida nos prega.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Acredito que estas mudanças só vieram a acrescentar, pois meu relacionamento tornou algo mais sólido. Temos nossos momentos de tristeza de obstáculos, mas se temos uma família amorosa disposta a ajudar quando for preciso nada nos abala.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

Infelizmente as minhas expectativas em relação ao amor para o futuro não são boas. Pois as famílias modernas, e com a necessidade de ajudar nas despesas da casa estão cada dia mais ausente de seus filhos. E com isso as crianças estão crescendo rebeldes com falta de afeto, diferente das gerações passadas ou seja, pessoas difíceis de se relacionar.

Ao longo do relato de Celina, foram apresentados os seguintes elementos:

- Expressão de uma vivência tranquila quanto ao amor desde o período da juventude até a maturidade.
- Relação positiva entre amor e família.
- Diferenciação entre a vivência do período da juventude no qual predominou a paixão, e a vida adulta e a maturidade com uma visão mais realista do sentimento do amor e do enfrentamento dos obstáculos.
- Realização pessoal e profissional e no relacionamento afetivo e familiar.

Podemos pensar que os significados de Celina em relação ao amor giram em torno da vivência de segurança e tranquilidade na vida conjugal e familiar. Amar é sentir e transmitir esta segurança e tranquilidade diante das dificuldades. No entanto, quando se refere ao processo de transição da juventude para a vida adulta, amar na juventude foi relacionado à paixão e imaturidade, na vida adulta e maturidade, o amor é tido a partir de uma visão mais realista e estável.

Celina desenvolveu tranquilamente a vivência do amor tanto na juventude quanto na maturidade.

Destaca que teve um apoio familiar muito afetivo, e que teve uma vida “normal”, trabalhando, estudando e namorando.

A referência principal de Celina em seu modelo organizador, ao relacionar-se, diz respeito à estruturação de uma família, que ela considera a base para uma vida feliz.

Celina desenvolveu gradativamente a construção do relacionamento por meio do namoro, que não tinha uma referência somente na satisfação sexual, que ela observa nos namoros da atualidade, mas de cumplicidade na diversão e nos afazeres do cotidiano.

Refere-se ao marido com carinho, enfatizando o caráter de construção crescente do relacionamento, que se iniciou na juventude e permanece até hoje.

As mudanças ocorridas do período da juventude para a maturidade possibilitaram um crescimento na intimidade do casal, que se tornou mais próximo e o relacionamento mais sólido, e o papel da família como um apoio social forte é constante no relato de Celina.

Destaca o momento atual com muita positividade, mantendo um relacionamento próximo com a filha e o marido e tendo a oportunidade de cursar o Ensino Superior, que não teve como desenvolver anteriormente.

Enfatiza a referência familiar e a falta desta em relação às expectativas com relação ao amor para o futuro considerando que as famílias estão cada vez mais ausentes quanto ao envolvimento afetivo com os filhos e as consequências disso são vistas negativamente, em razão da falta de afeto para com as crianças essas se tornarão pessoas difíceis de se relacionar.

A tônica do relato de Celina quanto ao futuro é a mudança na estrutura familiar, considerada como base para o estabelecimento saudável das relações afetivas futuras para as crianças, que em virtude da falta do afeto dos pais provavelmente terão problemas nos relacionamentos afetivos que vierem a estabelecer, reforçando como predominante o modelo organizador de harmonia familiar relacionado ao amor, na vida de Celina.

O modelo organizador romantizado é o predominante de Celina e é estruturado nas experiências familiares que viveu desde a infância e que possibilitaram a ela construir também uma relação familiar satisfatória e muito afetiva, com estreitos laços com o marido e a filha.

Diana

*O amor é um grande laço
Um passo pr'uma armadilha
Um lobo correndo em círculos
Pra alimentar a matilha
Comparo sua chegada
Com a fuga de uma ilha:
Tanto engorda quanto mata
Feito desgosto de filha*

Djavan

Diana tem 48 anos e é Gerente de Vendas. Na juventude viveu intensas emoções relacionadas à paixão. Na vida adulta, dedicou-se a outras experiências, sem preocupar-se em casar. Teve um relacionamento passageiro com um parceiro comprometido, do qual resultou um filho. Posteriormente, conheceu o que ela considera seu *real amor*, com o qual permaneceu quatro anos e da relação nasceu uma filha, sendo este parceiro também comprometido, o que impossibilitou a constituição de uma família. Na maturidade, deseja o que não priorizou na juventude: casar-se, tanto na igreja quanto no civil, realizar o *conto de fadas*. Atualmente tem um relacionamento afetivo de mais de dez anos e espera ser pedida em casamento, se não por ele, por alguém que lhe seja *predestinado*.

1. O que é o amor para você?

Amor é companheirismo, amizade, é troca de experiências, sem cobranças (...) Não sei bem ao certo esse “sem cobranças”, sinto insegura em tomar e cobrar uma decisão, fico sempre na esperança que meu companheiro tome a decisão.

Embora mais madura, fico triste, insegura quando meu companheiro se ausenta por dias, embora tenho certeza que não estou sendo traída, que ele está passando por problemas e necessita desse tempo...

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

Na juventude foi uma explosão de e emoções e sentimentos...

Enfrentei várias dificuldades pois me apaixonava constantemente, e chorava todas as vezes que era rejeitada (...) Me sentia um patinho feio, passei a juventude nesses conflitos e emoções e sentimentos, muitas cenas de ciúmes, muitas vezes me fechei no meu mundinho, para evitar sofrimentos...

Como não sabia lidar com essas emoções me refugiava nos livros, filmes...

Não era muito de chorar (...) Somente era ou me sentia rejeitada...

Uma vez, meu primeiro namorado Luis me traiu com minha melhor amiga e eu vi, eu simplesmente cheguei até ele, dei um tapa na cara dela e o intimei a estar na minha casa em um minuto (risos...)

Continuamos o namoro, acabou a amizade com a marina (minha amiga) e me senti vingada, pelo menos naquele momento...

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

Amor foi intenso, mas sadio, não havia insegurança, era uma troca de experiências, foi uma pessoa mais experiente...

Porém, passei por dificuldades, pois ele era casado, vivíamos um relacionamento clandestino... não me sentia cem por cento feliz pois não o tinha do meu lado... tinha que dividi-lo com a primeira esposa, porém até hoje sinto um amor intenso...

Houve a decisão do lado dele de ficar com a família.

Aceitei e decidi que a partir deste momento já não fazia mais parte da minha vida. Tudo o que sobrou desse amor foi uma filha, por muito tempo sentia nela a presença do pai.

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

É um sentimento calmo, tranquilo, porém sinto uma certa insegurança, pois ele – o Marcos – é solteiro e não tem filhos, e eu, apesar de não ter casado, tenho dois filhos, e a idade e o fato de ter feito laqueadura, não posso mais ter filhos, e eu sinto que ele tem o desejo de ser pai...

Me sinto triste por ter tomado a decisão da laqueadura tão precipitadamente..., me sinto frustrada porque no fundo eu gostaria de ter mais um filho...

*Sinto que sou um pouco (...) Não sou medrosa, **hoje**, quero algo – relacionamento – mais pé no chão..., não sei se tenho condições de ficar recomeçando do zero caso este relacionamento não dê certo...*

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança ocorra?

Sim.

Eu gostaria (...) De me casar..., conforme as leis civil e religiosa ...uma família; pai, mãe e filhos, tipo a música “eu, você, dois filhos e um cachorro...rsrs”(...)

Não faço nada para que ocorra essa mudança, pois desejo que essa atitude e decisão seja dele, do Marcos, ...pois tenho medo que ele se sinta pressionado e se afaste...(...) No momento eu não suportaria isso...

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida? (juventude, idade adulta, maturidade)?

*Ah, sim, a juventude foi cheia de conflitos, hoje não digo que era amor, e sim **paixão!***

Na idade adulta era tranquilo, sem posse! Sabia o que queria; hoje na maturidade quero um amor para a velhice, companheirismo, família.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

O amor da juventude, sempre tinha um fim os relacionamentos que mal começava...nunca sabia direito o que queria.

Costumo dizer que foi a época em que a gente se apaixona até pelo cabo da vassoura ! (risos)...

Creio que eu amadureci de repente, um belo dia eu acordei e decidi que não era aquilo que queria para mim e minha vida, queria estudar, viajar, ser livre, ter filhos, mas não casar...(..)

Abri mão de repente de tudo que julgava ser amor mas não me fazia feliz, e fui correr o mundo, viajei, comecei faculdade, larguei faculdade, veio o primeiro emprego, novas experiências, novos sonhos, onde não incluía o amor.

Aos 28 anos tive meu primeiro filho, fruto de um relacionamento passageiro.

O Julio, pai do meu filho, era casado.

Aos 29 anos, vivi meu real amor, com o André, pai da minha filha, ficamos juntos por quatro anos, aos 32 anos fiquei grávida, e entre decisões, nos afastamos, ele escolheu a família, eu fiquei com meus filhos.

Durante algum tempo fiquei sozinha.

Quando minha filha fez dois anos comecei a me relacionar com o Marcos com quem estou até hoje (a filha com 15 anos).

No começo foi porque me sentia só, e como o André havia feito a escolha na vida dele, eu precisava também dar um rumo na minha...

Com o tempo, foi nascendo um sentimento, percebi que eu amo o Marcos, mas tenho cautela em não (...) pressioná-lo para ficar comigo, pois tenho medo de perdê-lo.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

Não sei (...)

Não tenho expectativas sobre o amor para o futuro, pois tenho medo que uma decisão seja vista como uma cobrança...

Eu (...) Hoje eu sonho com o conto de fadas (...) Eu quero ser pedida em casamento, se não for o Marcos, que seja outra pessoa predestinada a estar na minha vida ...

Eu quero o conto de fadas, a noiva...(...) Risos...

Tudo o que não desejei na minha juventude, desejo viver agora: o casamento na igreja, noivo esperando no altar... Eu entrando com os filhos (...)

O conto de fadas.

No relato de Diana, os seguintes elementos são expressos com predominância:

- Paixões intensas na juventude, algumas não correspondidas.
- Desejo de ter experiências novas, mas sem compromisso sério na juventude.
- Diferenciação do amor vivido na juventude, visto como paixão, e do amor vivido na maturidade.
- Geração dos filhos, a partir de relacionamentos com os quais não houve um compromisso formal.
- Envolvimento com pessoas comprometidas, uma das quais considera seu grande amor e de cuja relação gerou um dos filhos.
- Responsabilidade de criação dos filhos sozinha e posterior cirurgia de laqueadura.
- Desilusão com os relacionamentos afetivos vividos ao longo da vida.
- Expectativas de formalizar a união com o atual companheiro, tanto nos

âmbito civil quanto no religioso.

- Sonho com o conto de fadas, o encontro com o amor que culminará no casamento, podendo ser com o atual companheiro ou com uma pessoa predestinada a ela.

Os significados do amor que podemos extrair desses elementos são, para Diana:

O amor é um sentimento intenso e na juventude foi mais ainda.

O amor romântico, na qual a ideia de exclusividade e de intensidade duradoura é recorrente na história de Diana, que busca ainda o homem ideal para amar.

Suas experiências revelam suas expectativas embora elas não tenham se concretizado. O sonho e a idealização são recorrentes típicas da vivência do amor romântico, da mulher à espera do homem ideal. Mistos de insegurança, ciúmes e sentimentos de incapacidade de dar o suficiente para o amado parecem conduzir seus conflitos amorosos.

Na maturidade, a constituição familiar tradicional, definida pelo casamento e pela geração de filhos, com a impossibilidade de gerar mais um filho com o companheiro atual em razão de ter feito laqueadura, é um dos motivos de preocupação e insegurança para Diana.

Diana descreve com bastante intensidade suas experiências ao longo da vida. Apaixonou-se várias vezes e intensamente na juventude, teve muitas relações esporádicas e sofreu com rejeições de paixões não correspondidas que considera como situações passageiras.

Decepcionou-se com o primeiro namorado e relata sentimentos de rejeição, ciúmes e desamparo, o que se verifica nas falas em que enfatiza constantes brigas, choro e sensação de inadequação, inconstâncias presentes na adolescência que a faziam querer fechar-se em seu próprio mundo.

Para lidar com as frustrações relativas às paixões não correspondidas refugiava-se em livros e filmes.

Queria ter novas experiências, mas não compromisso sério na juventude, vivenciando diversas situações como viagens, ambiente universitário, que abandonou, empregos e romances, um dos quais gerou um filho.

Diferencia o amor que viveu na juventude, do amor da atualidade, e diz que o vivido na juventude foi paixão, sendo essa um sentimento incisivo, impiedoso, e imaturo, porém intenso.

Mais madura alguns anos depois, encontra o que considera seu grande amor. O rapaz era mais velho que ela, havia segurança no relacionamento, mas o rapaz era casado, porém permanece com ele numa relação clandestina durante vários anos.

Nessa relação se envolveu profundamente, tendo como fruto dessa ligação uma filha. Ao final, o rapaz optou por ficar com a família e ela permaneceu junto aos filhos.

A vivência dessa experiência e a responsabilidade de criar sozinha os dois filhos resultaram na realização de uma cirurgia de laqueadura, que mais tarde, ela relata ter arrependimento de ter feito, por estar com o atual companheiro, que não tem filhos e que ela percebe que deseja ter.

O relacionamento com o companheiro atual é satisfatório, mas ela sente a necessidade de estabelecer com ele um compromisso, porém teme que a expressão dessa necessidade dela faça com que ele se afaste, o que ela não suportaria, como destaca.

O desejo de comprometer-se e de viver o ideal de família composto por pai, mãe filhos (e um cachorro), como ela descreve, imitando uma música sertaneja popular das rádios locais parece ser ofuscado pelo fato de estar com o atual namorado há vários anos e ele não ter manifestado nenhum interesse em formalizar a união.

Como no conto de fadas, ela deseja ser pedida em casamento, entrar na igreja com os filhos, também casar-se no civil, comprometer-se com ele, ou ainda, se não for ele, com alguém que seja *predestinado* a ela.

Os sonhos de adolescência que ela nunca fez questão de viver surgem agora como um desejo de realização para sentir-se completa, realizada, plena. Ela quer *tudo*. Quer ser a noiva.

A permanência dela no relacionamento atual se deve também, como relata, a acreditar que não teria condições de começar tudo de novo, do zero. Mas a não expressão do desejo de casar-se encontra no medo da ruptura por parte do namorado sua principal condição, ela não quer pressioná-lo, pois teme que ele a abandone.

Estabelece-se então um conflito que é superado pela possibilidade do futuro incerto: ou ele ou alguém a ela predestinado pode realizar o desejo do casamento com direito à tudo. Ela sonha com um futuro de contos de fada.

O modelo organizador predominante de Diana é fundado na idealização de uma família formalizada a partir da união pelo casamento que ela ainda não viveu, mas deseja. Envolveu-se com pessoas comprometidas e sofreu a decepção de ser preterida, após longo tempo de relacionamento, pela família constituída na formalidade do casamento; embora houvesse amor nas relações que vivenciou.

Agora, ela deseja essa formalização de constituição familiar, com *tudo o que tiver direito*, mas teme que a exigência da realização desse desejo venha a finalizar o relacionamento com o companheiro.

Deseja um companheiro, um amor para a velhice, a garantia de que não estará sozinha quando a idade avançar, e tem a expectativa de que a formalização da união pelo casamento traga essa segurança a ela.

ESTER

Fecho os olhos pra não ver passar o tempo...

Sinto falta de você

Anjo bom, amor perfeito no meu peito

Sem você não sei viver.

Roberto Carlos

Ester tem 40 anos e está cursando Pedagogia. Aos treze anos, em decorrência de problemas familiares, foi morar com o companheiro, que conheceu na roça e tinha na época dezoito anos, vendo nessa união uma alternativa de superação dos problemas vividos na família de origem. Após três anos de união, tem a primeira filha, e depois de três anos, outra filha. A realização de Ester deu-se com a maternidade e a estruturação de uma família. Vive até hoje com o mesmo companheiro, destacando as diferentes fases do amor como um processo de evolução na relação afetiva e familiar.

1. O que é o amor para você?

Para mim o amor é o que se sente por filhos, pais, este é o amor...mas ele nunca é só amor, é um conjunto de amizade, compreensão, carisma.

Porque o amor dói, faz sofrer...

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

O meu primeiro amor foi pelos meus pais, mais mesmo pelo meu pai, era meu tudo, meu herói...

Quando eu tinha dez anos ele teve um AVC (acidente vascular cerebral), eu e mais quatro irmãos, eu sendo a primogênita e os demais menores.

Minha mãe trabalhou sempre na roça, fui cedo trabalhar com ela, com 11 anos já cortava cana com a minha mãe.

Meu pai como num passe de mágica se tornou rude, nervoso, muito bravo comigo, eu me tornando moça aos doze anos achava que toda aquela situação era toda culpa minha.

Não saía de casa nem para ir na casa da avó, meu pai não concordava com nada que eu quisesse fazer, como tocar violão, que adorava...

Conheci meu namorado na roça, achei que ele era a solução para todos os meus problemas, me apaixonei e ele me convidou a morar com ele.

Com 13 anos fui morar com meu marido, achando que seria melhor para todos...

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

Com 13 anos, era dona de casa, gostei de tudo, mas meu pai me odeia até hoje, sinto que ele não me perdoa...

Em relação ao meu marido, ele também muito jovem, com dezoito anos (na época), não tinha entre nós a amizade ainda, éramos marido e mulher, nos gostávamos, mas faltava alguma coisa... Eu, muito insegura, não confiava nele, por ele ser muito namorador antes...

Mas nunca peguei ele com graça com outras... Era só coisa da minha cabeça, a insegurança se acaba depois de três anos, com o nascimento da minha primeira filha, “transfiri” a insegurança por atenção e cuidados a todo momento para a minha bebê, depois de três anos tive outra linda bebê.

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

Hoje aos longos dos anos, tenho o meu melhor amigo, meu marido, não sei se isso é amor, acho que amor é; mas, em 26 anos e nove meses vivendo junto, não sei se conseguiria viver sem ele, acho que iria sofrer um pouco se tivermos que separar um dia...(sic)

Hoje nem brigamos mais, discordamos com algumas coisas, mas o respeito, a amizade, não nos deixa ficar sem se falar ou com raiva um do outro, deixamos para depois.

Hoje, em partes, sou mais feliz que antes, mesmo com a indiferença do meu pai, ele não participa da minha vida, e nem frequenta minha casa, só isso que me deixa mais triste, e na mesma hora acho que é melhor assim...

Porque talvez ele me deixaria mais triste se estivesse direto comigo.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança ocorra?

Sim, vivenciando o meu casamento!!! (risos)

Fora do casamento, sou covarde, não tenho coragem, acho que não é para mim.

Não, está numa fase que está tudo muito bom, não precisa mudar nada.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida? (juventude, idade adulta, maturidade)?

Sim, na juventude tudo era fantasia..., o homem perfeito, as atitudes perfeitas... Eu queria tudo com muitos detalhes, cobrava muito (dele)...

Na idade adulta foi minha época de mudanças, mudei tudo em mim, falava menos, cobrava menos... Não exigia nada ...foi uma fase de sofrimentos, mas muitas vitórias.

Na maturidade eu me imponho mais, mostro o que eu quero, não tenho medo de dar minha opinião, de mostrar o que quero e pra que quero.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Refletiram com atos positivos, porque muitas vezes me vendo sozinha, mas deus sempre comigo, minha fé sempre em deus, pedindo sabedoria, e ele me considerou;

Por tudo o que passei (com o afastamento do pai), só tiro os melhores momentos, mesmo que tenha partes ainda não resolvidas (com o pai).

Tenho esperança que um dia vai se findar tudo isso e só restarão lembranças e só as melhores...

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

Tenho esperança que um dia vai se findar tudo isso e só restarão lembranças e só as melhores...

Na vivência de Ester, destacam-se ao longo de seu relato alguns elementos:

- As responsabilidades vividas desde a infância quanto ao sustento e manutenção do lar.
- A relação com o pai e o afastamento do mesmo.
- A interação com a família e o amor aos filhos.
- O relacionamento com o marido que inicialmente era de insegurança e atualmente é de companheirismo.
- A mudança sofrida ao longo do tempo no casamento.

Os significados do amor para Ester estão relacionados à relação de confiança e respeito, que se consegue com o tempo de relacionamento. Sua primeira e única experiência amorosa a fez constituir família e, por vezes, resume este amor ao amor à família que constituiu em detrimento da família que a desabonou (seu pai). Assim, o cuidado com os outros é fundamental para a manutenção da família e do amor que ela acredita ter essa origem.

A conjugalidade é vivida com respeito e gratidão, mas sem o arrebatamento do amor romântico que inicialmente poderia ter orientado a sua aproximação com o companheiro.

Ester vivenciou o final da infância e o início da adolescência tendo muitas responsabilidades para a sua idade.

O pai era tido como um herói e pessoa gentil e próxima, até sofrer um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

A mãe trabalhava na roça e ela cuidava dos irmãos e também ia para a roça com a mãe.

Após o AVC do pai, ela relata uma mudança repentina de humor e de comportamento para com ela que ocasionaram um sentimento de culpa que a levou, um pouco depois, a aceitar morar com um jovem que conheceu na roça, aos treze anos de idade,

acreditando que seria o melhor para todos naquele momento, uma vez que o pai a censurava o tempo todo e não permitia que ela fizesse nada que gostasse, como tocar violão.

Acredita que o fato de ter consentido em viver com o rapaz que se tornou seu marido desde então fez com que seu pai a odiasse e que até hoje não a perdoa por isso, o que a faz sofrer.

Descreve então amor como o que se sente pelos filhos, mas que faz sofrer.

A dificuldade em estabelecer um bom relacionamento com o pai permeia o relato de Ester, que se entenece ao falar das filhas e de como isso mudou sua vida.

Em relação ao marido, enfatiza que na juventude teve muitas inseguranças, pois ele era namorador antes de conhecê-la e que nunca teve real motivo para desconfiar dele, mas que a situação de segurança só se estabeleceu para ela no relacionamento após o nascimento da primeira filha, dizendo que transferiu a insegurança para o cuidado constante com a bebê.

Logo após teve outra filha e sente-se realizada com a família, só pesando negativamente para ela a ausência do pai em compartilhar o dia-a-dia.

Considera o marido como companheiro e amigo, e que houve crescimento na relação desde que se conheceram, pois eram muito jovens, após 26 anos juntos se conhecem e se respeitam e ela não viveria sem ele e sofreria se tivesse que separar.

Enfatiza a atualidade do casal como voltada para a família e quando perguntada sobre a atualidade do relacionamento, ri e diz que está vivenciando seu casamento e que fora do casamento não tem coragem, que está tudo bom como está.

Refere-se ao marido como o melhor amigo, e que muitas mudanças ocorreram ao longo do tempo em que estão juntos, consegue ter uma visão realista do que se modificou em relação à comunicação dentro do casamento, que antes cobrava muito dele, e que na juventude fantasiava (o homem perfeito...eu cobrava muito dele...).

Na idade adulta relata que mudou muito, não exigia nada, ficava muito calada, teve sofrimentos, mas que houveram também muitas vitórias.

A maturidade é vista como um período em que se impõe mais, fala o que quer, não tem medo de dar sua opinião, demonstrando autonomia em relação ao marido no compartilhar das ideias. Está atualmente cursando a graduação em Pedagogia.

Acredita que as mudanças que ocorreram em sua vida foram positivas, mas ressalta, até o final da conversa, a esperança que tem de se reconciliar com o pai e que quer se recordar das coisas boas.

O modelo organizador de Ester é bastante influenciado por sua relação com seu pai e a questão do cuidado.

Após o adoecimento do pai, ela fica com a responsabilidade de cuidar dos irmãos e auxiliar o suprimento da casa com o trabalho na roça com a mãe. Estando na fase de puberdade, Ester observa um constante rancor do pai para com ela e a fim de se afastar da situação que lhe causava mal estar, decide aceitar o convite do rapaz que conheceu na roça e vai morar com ele, tornando-se dona de casa aos treze anos, enquanto o rapaz tinha dezoito.

Estabelece-se uma relação de cuidado entre os dois e posteriormente, entre ela e as filhas, e o casal vai amadurecendo junto, ao longo dos vinte e seis anos que se passaram.

Até o momento as dificuldades relativas ao amor são misturadas do amor conjugal para o amor familiar, principalmente com a ausência do pai dela, o que se explicita em vários momentos de seu relato.

Ao informar o que pensa sobre as mudanças da vivência do amor nos diversos períodos de sua vida, Ester enfatiza que hoje se impõe mais, fala o que quer e porque quer, comparando-se com o momento anterior da vida dela, em que ela era mais calada, não exigia nada, observamos que ela está mais autoconfiante para expressar-se na relação conjugal, e que isto demonstra certa autonomia.

A esperança de Ester está em superar a distância com o pai, pois com o marido, tudo está bom do jeito que está.

FLORA

*Solidão é lava
Que cobre tudo
Amargura em minha boca
Sorri seus dentes de chumbo...
Solidão palavra
Cavada no coração
Resignado e mudo
No compasso da desilusão...*

Marisa Monte

Flora tem 40 anos e é Auxiliar de Ensino. Vivenciou um amor na juventude que foi rompido devido às pressões familiares e diante destas, houve a desistência do namorado, que a fez sofrer muito. Na vida adulta, vivenciou somente um amor, com o qual se casou e constituiu família, passando por diversas experiências difíceis, o que provocou em Flora desilusão e descrença no amor idealizado na juventude. A tentativa de preservar a constituição familiar é o que mantém Flora na relação conjugal, apesar das dificuldades atuais que tem vivido.

1. O que é o amor para você?

É um sentimento muito bom, que sentimos por outra pessoa. Mas tem vários tipos de amor de filho, amor de mãe.

Sentir amor de mulher e de homem é uma coisa estranha e muito difícil de explicar (sic).

Eu acredito que existe até enquanto a gente é inocente, jovem, príncipe com o cavalo branco, mas a partir do momento em que se vive o relacionamento já não é mais assim, sente saudade mas não tem mais aquele friozinho no estômago, é difícil. Eu não acredito mais.

(Por quê?)

Eu tinha aquela imaginação assim, que quando as pessoas amam, cuidam, procuram agradar e não decepcionam as pessoas, com a minha experiência está meio difícil.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

Muito difícil, amei alguém com quem não pude ficar, essa pessoa... Tive muitas dificuldades porque eu era muito jovem e ela era mais velha do que eu.

Eu fiquei com ela por muito tempo quem não quis mais foi ela porque a minha família não aceitava.

Me senti muito mal com o fim de tudo.

Essa pessoa além de ser mais velha do que eu era usuário de drogas eu tinha 13 anos e ele 19, eu não podia sair muito de casa, ir para baladas e ele terminou comigo.

Eu amei muito ele, fazia de tudo para ficar com ele, sem falar as surras que eu levava dos meus irmãos mais velhos e minha mãe para ficar c/ ele, eles descobriam a verdade.

Depois de algum tempo eu descobri que não seria o melhor para mim e que eles tinham razão. Hoje eu até agradeço.

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

No começo foi muito bom namorei somente uma pessoa e com ela me casei, fiquei grávida e ficamos juntos, não só por causa da gravidez mas porque a gente se gostava mesmo.

Me sentia perdida quando fiquei sabendo que estava grávida, mas deu tudo certo.

Enfrentei a gravidez, a gente não tinha nada, nem onde morar, de início morávamos, muitos anos, num porão, enfrentamos dificuldades em todos os sentidos... Eu me senti segura porque ele me apoiou, eu achei que pelo falo de eu estar grávida ele ia embora, porque eu não esperava que ele aceitasse a gravidez.

Eu achava que ele ia dizer: você tá grávida, se vira.

- Ele está com você até hoje (?)

- Está comigo.

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

Atualmente é muito difícil eu acho que não é mais como era, existe respeito mas não mais amor.

Várias dificuldades... Mas vou levando, não sei até quando consigo aguentar...

Tou péssima, tou muito confusa para decidir o que vou fazer, meu sentimento está sem rumo, porque envolve outras pessoas, como a minha família.(sic)

Atual, agora está péssimo. E o que faz eu desacreditar no amor, é esse relacionamento atual, eu não sei se a pessoa que tem que mudar alguma coisa.

Hoje parece que o que me faz ficar com ele é que ele paga as contas, entre aspas, que ajude as minhas filhas a se formar...

Era bom no começo, porque no começo do relacionamento ele tentava me agradar, não me deixava sozinha, cuidava da casa junto, cada rei tem que ter seu castelo e sua rainha, e hoje isso não existe mais, não tem diálogo.

Ele promete um monte de coisa que acaba não cumprindo, desgasta mais o relacionamento com as coisas que não cumpre, né (sic).

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

Sim ... Tudo ... , acredito que não há mais jeito porque o que está no meu alcance eu faço, mas nada muda!

Já pensei que, quem deve mudar so eu, mas tenho medo de fazer minhas filhas sofrer (sic).

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Percebi muitas mudanças, com a idade vamos tendo certas experiências. As responsabilidades aumentam e as decisões ficam mais difícil (sic).

Quando a gente é jovem a gente não tá nem aí, tá curtindo e quer mais é curtir. Além de ter as responsabilidades. Adulto quer algo mais sério, construir uma família, conquistar alguma coisa na vida, ser alguém em relação a uma profissão, algo melhor...

e agora... Eu ainda gostaria de ser feliz, acho que é difícil... Eu não consigo acreditar nisso.

-O que é? Felicidade?

-Seria – meu esposo parar de beber... É aí que eu fico confusa: se ele parasse de beber, eu acharia outra mania para desgastar o casamento?

Se ele ficasse mais com a gente, com a família... Eu acho que eu seria feliz, mesmo sem ter aquele amor do começo... E ao mesmo tempo, dá vontade de sumir!

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Sim, foram dois relacionamentos diferentes na juventude e na idade adulta, sendo que na juventude não tinha noção que aquele relacionamento não era bom pra mim.

E na idade adulta eu acreditei que poderia construir uma família com esse relacionamento e ser feliz.

Então eu acreditei né, eu acho assim, o que me levou a acreditar no meu casamento, que seria maravilhoso, que seria diferente, provar pras pessoas e pra mim mesma que seria diferente, eu ouvia "vai ser mãe solteira" porque era isso que eu via e eu quis ser diferente, que meus filhos seriam de um pai só, que não ia ter tantos filhos que o exemplo que eu tive dentro de casa não era pra mim.

Casei, continuei estudando, conquistei as coisas.

E hoje eu pergunto pra mim mesma, será que hoje foi diferente?

Com os filhos do mesmo pai, com o problema que eu vivo hoje (a bebida do marido).

Será que se tivesse tido um de cada pai será que hoje eu não seria feliz?

Quer colocar mais alguma coisa?

eu acho que é isso, hoje eu não sei se eu tenho esperança desse relacionamento, seguir em frente...

Coloco toda aquela parte de necessidade financeira, mais isso também não vai durar para sempre.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

No momento não tenho expectativas porque estou tão desiludida com amor que está difícil. No momento mais nada.

Eu já pensei várias vezes de separar, e às vezes o que me prende é a situação financeira, às vezes eu ouço da minha filha – “a senhora faz tanta coisa, sabe tanta coisa, então porque a senhora não larga o pai...?”

Mas aí volta, o meu maior medo são as minhas filhas passarem necessidades e eu não quero que elas passem. E se eu não conseguir bancar o aluguel? ...

E será que é uma desculpa também? Será que eu tou acomodada, é tanta pergunta, será que a gente sabe a resposta...

Esses dias eu conversei, desabafei... Não durou 4 dias. E é isso.

(para de falar alguns segundos)

Ao mesmo tempo...

Ficar num lugar onde não tem família, precisar de ajuda e não ter para quem pedir...

Porque sozinha posso me virar, mas com mais duas adolescentes, não posso colocar em qualquer lugar.

A mais velha às vezes quer ir embora, mas ela defende ele, que ele tem direito de beber com os amigos; ... E, e eu, e meus direitos?

Às vezes vou no ... (parque público da cidade) e fico horas lá, na verdade fico ali.

E as pessoas comentam que eu tenho uma família muito bonita, um marido legal, mas na verdade ninguém conhece o que eu passo. Acho que é isso.

Ao longo do relato de Flora, percebemos a ênfase dos seguintes elementos:

- A priorização da família em detrimento da satisfação conjugal.
- A desilusão com relação ao amor.
- A dificuldade de separar-se do atual companheiro.
- A solidão que vivencia dentro do contexto afetivo.
- A insatisfação quanto ao convívio com o esposo e a permanência na relação que não a satisfaz afetivamente.

Amar para Flora é sentir-se acompanhada e cuidada, o que de fato não acontece no atual momento. O saudosismo da juventude revela uma idealização do amor com exigências sobre o quê e como deve ser aquele que ama e como esse deve amá-la (estar presente, ser atencioso, etc.). A desilusão não oferece alternativas para as resoluções de conflitos conjugais, se sente dependente financeiramente e emocionalmente não consegue buscar outras alternativas de experienciar sua vida sentimental pelo compromisso com a família.

Flora encontra-se bastante desiludida no momento, compara o amor da juventude com o da maturidade como uma promessa que não foi cumprida. Está vivenciando um grande distanciamento na relação com o marido, que é seu companheiro de muitos anos (não especificou quantos, mas as filhas do casal são adolescentes no momento, e desde a gravidez da primeira filha permanecem juntos).

Flora vivencia o conflito de ficar ou romper a relação conjugal, sente-se sozinha, acha que o marido não lhe dá atenção, não participa da convivência familiar como ela gostaria e a situação se agrava quando ele se ausenta da casa para ter a companhia de amigos e beber, o que a deixa profundamente chateada e desiludida.

Flora desde o início do relacionamento, relata que não acreditava que o companheiro ficaria com ela por causa da gravidez não planejada que acabou por unir o casal, e que passaram por muitas dificuldades juntos. Fala com saudosismo do relacionamento inicial, que, apesar das dificuldades financeiras, tinha a presença do companheiro ao seu lado, o que não sente mais na atualidade.

Flora coloca a dependência econômica e o medo de passar necessidade financeira, ou das filhas passarem, como embasamento para manter a relação conjugal, mas questiona-se

a respeito dessa circunstância enfatizando que uma das filhas expõe para ela que ela sabe fazer muitas coisas, então por que não se separa, e ela acaba permanecendo na relação.

Além do distanciamento do casal, Flora relata que sente-se só por estar numa cidade na qual não tem a presença de familiares, e que o marido possui um grupo de amigos com os quais sai para se divertir e beber, mas ela não.

Menciona ainda que as pessoas conhecidas acreditam que ela tenha uma família linda e um marido legal, mas que não sabem a sua realidade de fato, que sofre muito com o distanciamento do marido e já não tem expectativas quanto a uma melhora na relação conjugal.

Indica que ela desabafa com o marido algumas vezes, e que esse promete mudar mas não realiza as mudanças que promete, o que a deixa ainda mais desiludida e sem ânimo para manter a relação, e que vai permanecendo na mesma porém não sabe se o ama ainda.

Flora, em vários momentos, emociona-se ao comentar a situação de seu relacionamento e a solidão que experiencia, e tenta entender o que a faz de fato permanecer com o companheiro, perguntando-se a esse respeito, e dizendo não saber o que fazer.

Os modelos organizadores de Flora, também tem elementos relacionados ao amor romântico. Por isso tais modelos voltam-se para repetidas decepções que ela vivenciou, o que faz com que ela desenvolva uma atitude pessimista acerca da realidade e não visualize as possibilidades de escolhas reais que ela tem.

Ela relata que queria ter uma vida diferente da que vivia em sua casa quando de sua juventude, pois em sua família várias familiares tiveram filhos de pais diferentes, o que parece ser visto como negativo para Flora, que relata com certa surpresa o fato do companheiro ter ficado com ela quando ela engravidou, e que ouvia muita cobrança da família dizendo que ela ia ser mãe solteira.

Mais de uma vez menciona que teve suas filhas de um pai só, que permaneceu com o companheiro na criação dessas filhas, e ter se afastado de sua família de origem é visto como positivo para ela por ter tido uma vida diferente do que as parentes tiveram, embora questione na atualidade essas escolhas pois não se sente feliz no amor e sente-se muito sozinha (*e se eu tivesse tido uma filha de cada pai, eu seria feliz?*)

Embora a relação conjugal claramente não satisfaça as suas expectativas, ela permanece na mesma, pois não consegue visualizar as possibilidades que tem.

GIULIA

*Se você vier...
Pro que der e vier...
Comigo...
Eu te prometo o sol
Se hoje o sol sair, ou a chuva
Se a chuva cair...*

Geraldo Azevedo

Giulia tem 42 anos, está cursando Psicologia. Não faz referência específica a nenhuma vivência amorosa na adolescência, apontando o amor de forma idealizada e genérica em sua primeira definição, o que se modifica no decorrer de seu relato, em que especifica condições para amar e ser amada, indicando o amor como sofrimento. Aos vinte anos inicia a relação que mantém até hoje. Na maturidade aponta dificuldades no relacionamento que está vivenciando, lidando com isso de forma racional, insistindo na dedicação e no carinho, o que ela define como *o cultivo do relacionamento*, para que este possa perdurar. Persiste a idealização do amor, que precisa ser *cultivado* constantemente para que os obstáculos possam ser superados, o que se faz mediante atenção, afeto e carinho.

1. O que é o amor para você?

Amor é uma ação sem limites para com o próximo. Entendo que amor é um sentimento incondicional de carinho, afeto, dedicação.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

Amor nasce depois de muitas trocas de carinho, respeito, momentos alegres, etc.

Quando somos adolescentes não sabemos discernir o sentimento por outra pessoa, a não ser dos nossos pais, irmãos, que vivem diariamente conosco demonstrando o interesse de sempre nos ver feliz.

Me lembro quando era pequena até na adolescência que sofria muito de medo, minha mãe vivia em um mundo de incerteza achando que em um momento o mundo poderia desabar sobre mim.

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

O amor é recíproco! Só vou conseguir sentir amor por alguém se me demonstrar carinho, respeito, dedicação, cuidados, etecétera.

Dificuldades no caminho sempre existirá, pois quem ama sofre em vários sentidos, medo de perder a pessoa amada, distância que a vida nos proporciona....

Dificuldades não me lembro que enfrentei, mas sofrimento sim. Como se diz "quem ama sofre".

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

Hoje posso dizer com certeza que estou vivenciando uma realidade amorosa diferente de tempo atrás, pois quando adultos enxergamos um mundo diferente, ou melhor, conseguimos encarar as dificuldades que encontramos com a certeza que é possível de vitória e quando fazemos com amor, afeto e com muita persistência.

Procuro sempre estar próxima e dedicando as pessoas que amo, isso me faz bem.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

Vivo um relacionamento que recentemente estava conturbado, ideias não se identificavam em ambas as partes.

Sinceridade, estou tentando o possível para que tudo isto mude...

Cheguei à conclusão que em um relacionamento a mudança de atitude tem que primeiro partir da pessoa que está incomodada com a situação, depois analisar e apontar pro seu companheiro.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Quando adolescente sonhava em me casar, ter filhos e viver um eterno amor “aquele amor que sentia na época”, ilusão! (risos).

Atingi a idade de 20 anos e comecei meu sonho em prática, mas o tempo foi passando e foi muito diferente, aprendi que a vida não era feita só de sonho, amor, etecétera.

Existia os tropeços da vida nesse caminho, então precisei aprender a lidar com um amor que necessitava de cultivo para não morrer.

Os anos passaram, as dificuldades aumentaram e aqui estou eu! Precisando colocar a inteligência em prática para permancer o amor.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Tive várias dificuldades no meu relacionamento e tenho até hoje.

Sempre digo que em um relacionamento, casamento só é permanente se colocarmos nossa inteligência em prática todos os dias.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

As dificuldades da vida nunca tem fim, e com essa modernidade que estamos vivendo, a correria do trabalho, independência dos casais, riscos e preocupações deixa de lado um pouco a atenção, afeto, carinho que o casal precisa da no relacionamento para o fortalecimento da vida conjugal.

Giulia traz em seu relato características que indicam os seguintes elementos como preponderantes:

- O amor como sentimento incondicional.
- A mudança na vivência do amor no período da juventude para o período da maturidade.
- O amor como sofrimento.
- A necessidade de cultivar o amor para que ele permaneça na vida do casal.

Giulia atribui significado ao amor como um sentimento de entrega incondicional, que tudo faz, tudo pode, e tudo suporta. Há também o sentimento de reciprocidade, na qual somente em troca ele pode ser vivenciado plenamente.

Ela aponta que há diferenciação na visão de amor que tinha na juventude e no tempo atual, atribuindo ao amor da juventude um sentimento de ilusão, *do que ia durar para sempre*, embora em seus relatos prevaleça a idealização do amor até a vida adulta.

Outra indicação que Giulia traz é a de que amor é sofrimento, e, portanto, quando se ama, se sofre, e a superação das dificuldades só é atingida com persistência, e suportando com amor os obstáculos.

Faz muitas referências à necessidade de cultivar o amor através do uso da inteligência, explica que isso se refere a cultivar o amor, dando carinho, respeito; há indicações de que para Giulia é necessário fazer racionalizações contínuas para que se procure compreender as dificuldades vividas no dia-a-dia e se possa prosseguir na companhia da pessoa amada.

Aponta que viveu várias dificuldades em seu relacionamento e que as dificuldades sempre vão existir, mas que pode-se lidar com elas de maneira positiva se houver a dedicação necessária (atenção, respeito, carinho), o que demonstra certa idealização em seu modelo organizador, no sentido de acreditar na superação das dificuldades pelo exercício da dedicação à relação.

Os muitos anos que permanece com o companheiro indicam que há constantemente uma dedicação ao sobreviver da relação, e que na atualidade é mais realista quanto ao que esperar do outro em termos de conjugalidade, o que enfatiza quando comenta que a pessoa que está incomodada é quem deve mudar primeiro para depois apontar o companheiro.

Os modelos organizadores predominantes de Giulia referem-se ao amor romântico e ao amor-sacrifício, e trazem a ideia de um amor que pode superar tudo se houver persistência, carinho, dedicação, o que aparece várias vezes no relato de Giulia, numa demonstração de ser *quase super* para manter o relacionamento em andamento.

HELENA

*Se alguém vier pedir o meu conselho
 A gente não aprende no espelho
 A gente vive e sofre pra aprender
 E cada amor é tanto e diferente
 A vida insiste em dar esse presente
 Comece o dia amando mais você!*

Oswaldo Montenegro

Helena tem 43 anos e é Professora. Na juventude teve uma experiência conturbada de amor não correspondido. Acredita que só é possível amar ao outro se primeiro amar a si mesma. Aos vinte e dois anos encontrou o amor que descreve como sendo para toda vida, estável, com cumplicidade, companheirismo e conexão. Vive há dezenove anos com o companheiro, afirmando que seu relacionamento não precisa de mudanças, mas de cuidados.

1. O que é o amor para você?

O amor é amar-se em primeiro lugar, ser feliz consigo mesmo só assim serei capaz de amar outra pessoa, o amor próprio nos proporciona segurança e paz.

Mas viver um grande amor muitas das vezes nos tira tudo isso também, agita a nossa vida e nos tira a paz e a segurança.

Mas o amor próprio sempre vai nos dar a estabilidade de novo.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

Na minha juventude meu primeiro amor não foi correspondido, sofri muito, chorei muito naquela época achava que iria morrer de tristeza que nunca mais iria gostar de ninguém (risos)...

Mas passou logo minha tristeza mudei de cidade e nunca mais vi aquele que um dia jurava que amaria pra sempre (risos)...

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

Na vida adulta não tive muita dificuldade de amar, meu coração se apaixonava, mas quando não dava certo já não sofria tanto e logo estava pronta para amar de novo.

Mas... Com 22 anos encontrei a pessoa que conquistou meu coração por toda vida, encontrei a estabilidade do amor pois era uma situação de cumplicidade companheirismo, uma conexão muito forte mesmo;

Mas às vezes o amor dói mesmo sendo correspondido pois sentimos saudades mesmo estando juntos é como se a pessoa que a gente ama fosse a nossa metade mesmo...

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

No período atual vivo um relacionamento tranquilo, estável, de companheirismo e cumplicidade a gente se cuida muito um do outro;

Temos prazer de estar juntos, mas pela correria do dia-a-dia, nem sempre é possível desfrutar um da companhia do outro.

É um bom momento que estou vivendo apesar de já estarmos juntos há dezenove anos, nos curtimos muito.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

Sim: há dezenove anos, meu relacionamento não precisa de mudanças só precisa de cuidados.

É como uma plantinha delicada, se não cuidar pode sofrer danos com o tempo.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Sim, a maturidade nos deixa mais seguras e segurança nos deixa ver e sentir com mais clareza.

Sempre lidei bem com o amor, gosto de amar e ser amada e a maturidade ajuda a entender melhor o amor.

Se bem que nem sempre é possível decifrar o que sentimentos em alguns momentos, mesmo o amor próprio cresce, e quando a gente se ama, amar o outro é um complemento na nossa vida.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Melhorar ainda mais a relação, pois estando mais segura de si deixamos o outro mais livre e a liberdade proporciona o bem estar de ambos, e cada um se cuida mais; com respeito, carinho e amor.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

Espero tudo de bom, cuidar e ser cuidada, ter liberdade de viver juntos de maneira livre e prazerosa (sic), pois estar junto faz querer desfrutar da companhia, não tem preço, só o amor proporciona lindos momentos em nossas vidas .

Nunca perder o amor próprio, só assim serei capaz de amar e ser amada e ter o respeito por toda vida ...

O relato de Helena tem ênfase nos seguintes elementos:

- A importância do amor-próprio
- Diferenciação entre a vivência do amor da juventude e amor da maturidade.
- O amor como complementariedade e cumplicidade.
- A vivência do amor na maturidade como melhor período da relação.
- A importância de sentir-se segura de si como favorecedora da relação conjugal.

Para Helena, o amor tem a ver com amar a si mesmo antes do outro. Ele tem que implicar em cumplicidade e companheirismo. Há ainda a ideia de amar para toda a vida, resquícios do amor romântico.

Helena faz diferenciação entre a vivência do amor na juventude, como mais sofrido e de sensações mais intensas, com o amor na vida adulta e desse com o amor na maturidade.

Na vida adulta indica que se apaixonava com frequência e que não teve dificuldade para amar, superando rapidamente as relações que não deram certo, e colocando-se em condição de apaixonar-se e amar novamente.

Na maturidade, traz a ideia de complementariedade de si com o parceiro na relação (como as metades da laranja) e a sensação de querer estar junto muito presente no relacionamento, o que nem sempre é possível pelos contratempos e compromissos assumidos por cada um.

Destaca no amor da maturidade a tranquilidade e companheirismo vividos no relacionamento e a experiência de cuidar do outro e ser cuidada, amar e ser amada, como forma de expressão da relação do casal.

Pelo relato de Helena, há bastante reciprocidade na união dela com o companheiro, com o qual está há dezenove anos, e que conheceu aos vinte e dois anos de idade, período de juventude.

Embora presente a ideia de complementariedade de si a partir da existência do outro na constituição da conjugalidade, Helena enfatiza a importância do amor próprio, de se amar, como essencial à capacidade de amar ao outro, e o fortalecimento do amor próprio advindo da experiência da maturidade.

O desejo de Helena para o futuro é que a reciprocidade de sentimentos e cuidados existente entre o casal se mantenha e se fortaleça, o que ela acredita que se realiza pela dedicação de um pelo outro (*como se estivesse cuidando de uma plantinha*).

A permanência do casal enquanto tal, é então fortalecida pela consideração e atualização do carinho que um dedica ao outro, o que necessita ser constantemente renovado para que se mantenha.

O modelo organizador romantizado de Helena é pautado pela reciprocidade e pelo amor próprio, considerado importante para sustentar a relação, pois indica que é preciso se amar para amar o outro.

Refere muitas vezes a questão da segurança, da troca, e do companheirismo como importantes na manutenção da relação, que se constituiu na juventude e se manteve até a maturidade, vivenciada atualmente.

ÍRIS

*É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece*

....

Legião Urbana

Íris tem 38 anos e está cursando Psicologia. Conheceu, na juventude, o primeiro namorado aos quinze anos, com o qual se casou aos dezenove anos, motivada, entre outros, por uma gravidez não planejada. O relacionamento, embora tivesse amor, foi bastante conturbado desde o namoro. Após doze anos deste relacionamento conturbado, separou-se há sete anos, com uma ideia bastante idealizada de família, que não se concretizou com o casamento. Atualmente, não vivencia um relacionamento afetivo, dedicando-se aos cuidados da filha e da mãe doente, que destaca como o que é *realmente importante* para ela no momento, e fazendo terapia para lidar com os traumas e frustrações advindos do casamento.

1. O que é o amor para você?

O amor para mim é um ato sublime de troca de respeito e afeto. É a base de tudo pois sem ele nada somos e nada do que faremos terá real valor.

Acredito que exista (sic) várias formas de amor ou de amar, sendo que para com todas elas o princípio é o mesmo que é o ato de viver e de se sentir leve, o sentimento maior e maravilhoso que deus nos deixou.

O amor carnal, entre duas pessoas. O amor entre dois amigos, com uma amizade pura e verdadeira.

O amor mais puro, belo e incondicional na sua forma de amor como o amor de uma mãe para com o seu filho.

O amor pela família, a base, nossa estrutura. O amor, nas suas infinitas formas de amar, seja um ser humano ou um animalzinho indefeso...

é o sentimento que nos move, que nos ajuda a sermos pessoas melhores e querer a amar o outro dando o nosso melhor.

É como diz Jesus na sua música dos anjos: “eu posso ser tudo, mas sem amor, eu nada sou”.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

O amor para mim foi simples e complexo. Alegre e triste.

Enfrentei e enfrento varias dificuldades...

Como comecei a namorar com 15 anos, tive apenas um namorado com o qual engravidei e me casei aos 19 anos.

Porém durante todo o namoro enfrentei muitas brigas, por problemas com drogas e álcool.

Muitas idas e voltas.

Com toda certeza nunca tive um namoro com um espaço de tempo de apenas 1 mês de paz, carinho e alegria.

No entanto, mesmo assim me casei e tive uma filha, maravilhosa, que é a razão do meu existir.

Minha juventude, porém, ... Diante de toda esta situação foi meio complicada, com muitas brigas, porém muito amor, pois tínhamos amor um pelo outro...

Eu, com certeza, o amava muito e sabia do sentimento dele por mim também; no entanto, havia outras prioridades na vida dele e eu me sentia muito mal, mal mesmo!

Sofri demais... Ansiedade, angústia, choro, tristeza, remédios, enxaquecas, fizeram parte constante de minha juventude.

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

Já na minha vida adulta, depois de 12 anos de relacionamento “conjugal”, no qual eu vivi mais separada do que casada, pois largava e voltava ano após ano, e vivendo constantemente uma vida infeliz, nos separamos para valer.

E apesar de ainda amá-lo na época, me mantive firme; ... Mudei com minha filha para outra cidade e hoje já faz 7 anos que estamos definitivamente separados.

Hoje voltei para minha cidade natal, minha filha está uma bela moça, cursando o 1º ano de faculdade e eu posso dizer que minha forma de amá-lo se transformou para um amor de família.

É diferente, hoje. Sinto carinho, respeito, mas não consigo sentir admiração por ele ...

Acredito que todo o sofrimento pelo qual passei: os sonhos de ter uma verdadeira família, filhos, respeito, atenção e afeto dentro de casa e que nunca se concretizaram, me fizeram enxergar na dor que as pessoas não mudam se elas não querem e que não basta somente um querer, os dois tem que estar envolvidos a fazer o relacionamento dar certo, senão a dor é inevitável.

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

Hoje não vivencio o amor carnal, o amor entre homem e mulher.

Para mim ainda não consegui viver, apesar de ter tentado algumas vezes, desde que me separei. Sendo assim, vivencio hoje plenamente amor de mãe, e como vivencio!

Aliás este amor é o que me susteve (sic) durante toda minha vida, senão, antes, o que sinto pela minha mãezinha, que hoje cuido com alzheimer já há 7 anos ... E o amor incondicional, puro, completo e pleno pela minha eterna amiga e companheira: minha filha amada, que hoje apesar de estar fazendo faculdade longe e eu estar passando por adaptação tanto quanto ela, nossa ligação e amizade é tão forte e verdadeira que me supre em todos os níveis.

Assim, acredito que estou vivenciando o amor em minha vida de várias formas.

Além do quê tenho dois cãozinhos (sic), um filhote de sete meses e um de onze anos que para mim são como pessoas amadas. Amo, cuido e respeito demais os animais.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

Como disse anteriormente, não vivencio um relacionamento, apesar de já ter tentado.

Na verdade tive na minha vida meu casamento como único verdadeiro relacionamento.

Após sua dissolução, tentei novas amizades, amizades coloridas, “ficar”, namorar, mas não consigo levar adiante.

Na verdade, esta é uma área ainda dolorida, que tem traumas e muitas cicatrizes. Portanto não insisto nela, deixando (a) para a terapia.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Sim, muitas mudanças. A forma de amar muda, assim como nós mudamos.

Acredito que na juventude tenhamos um amor egoísta, inconsequente e irracional, onde tudo fazemos, tudo queremos e tudo podemos.

Já na idade adulta nosso amor já está mais ponderado, mais cristalizado, é onde tentamos de tudo para manter este amor, para entender este amor, para transformar este amor, nós mulheres, ou melhor, eu na minha singularidade tentei, e me transformei o quanto pude, e me transformo a cada dia para viver o amor.

Pois na maturidade acredito que vivenciamos o amor na sua forma plena, com qualidade na forma de amor.

Hoje me sinto muito mais madura, centrada no que realmente é importante para poder dar e vivenciar o amor na sua plenitude.

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Vejo como a maturidade reflete nas várias formas de relacionamento.

No meu caso, consigo sentir, dar e aplicar o amor sem pensar e cobrar a sua volta, não ajo com cobrança ou egoísmo, pois o amor não aceita isto, ele quando é verdadeiro deixa livre, pois sabe que no meu caso a filha voa, bate asas, vai para o mundo, mas ela volta, ela tem seu ninho em casa, teve estrutura, teve amor suficiente e saudável e este amor à traz de volta.

Dou meu amor, atenção, cuidados à minha mãezinha que tudo fez por mim, como forma de gratidão, um amor puro que me ressalta, me faz sentir bem quando me dão.

Aprendi com a maturidade que “eu” me transformei, me moldei demais, me enxergo hoje numa nova vida em uma outra pessoa. O amor me transcendeu, sim, com amor.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

O que espero de um relacionamento a dois? Não sei bem ao certo o que esperar...

Gostaria de esperar uma nova oportunidade de amor e ser amada, espero que ainda consiga transpor mais algumas barreiras até isto acontecer.

Já as minhas expectativas quanto aos relacionamentos em geral, ao amor, à vida, às pessoas, aos animais, isto eu espero demais.

Tenho muitas expectativas em dar e amar demais.

Quero agora em futuro bem próximo, com o término da faculdade, poder me doar no amor ao próximo.

Sinto esta vontade. Esta agora é minha finalidade. Quero amar demais, fazer a diferença na vida das pessoas. Levar e espalhar amor, seja ele qual for, levar acalanto, acolher, recolher, escutar, amar e amar e amar.

Afinal eu não estaria aqui se não fosse por amor.

No relato de Íris, os elementos que mais se explicitam são:

- O amor como sentimento puro.
- O amor universal.
- O amor à família: à mãe, à filha, como fonte de sustentação nos momentos difíceis.
- A diferenciação do amor da juventude, do amor da idade adulta e da maturidade.
- A separação do marido, de cuja relação gerou uma filha e a dificuldade em vivenciar o “amor carnal” após a separação do marido.
- O amor como sentimento universal de doação ao próximo.

Íris descreve o amor como o mais sublime dos sentimentos e base de tudo, como troca de afetos e elenca os diversos tipos de amor que ela concebe desde o que chama de amor carnal – entre duas pessoas, até o amor universal – citando frases de Jesus como exemplo.

Diferencia o amor de juventude do amor da fase adulta e da maturidade, tendo a característica de ilusório na juventude, e gradativamente sendo amadurecido como sentimento universal de doação, da vida adulta à maturidade.

Destaca com muita ênfase o amor familiar, e a família como fonte de amor que a sustentou nos seus momentos difíceis, especialmente a mãe; que agora encontra-se enferma e à qual ela se dedica integralmente, sendo este o exemplo de amor doação de maior referência presente no relato de Íris.

Também o amor à filha, fruto de um relacionamento conjugal que se formalizou, porém não deu certo, aparece como de grande importância como referência de amor para Íris.

O amor “carnal” como Íris refere-se ao amor entre um casal, não está sendo vivido no momento, e os desencantos sofridos com o casamento de Iris parecem ter influenciado negativamente as expectativas de experienciar novos relacionamentos afetivos e de formar um casal.

A atenção de Íris está voltada para a vivência do amor familiar e para com os animais, o que demonstra um apego seguro em relação ao contexto em que está inserida, mas também uma grande decepção sobre o amor compartilhado entre casal, visto que não conseguiu

desenvolver nenhuma relação de conjugalidade significativa após o rompimento com o pai de sua filha.

O modelo organizador predominante de Íris traz a ideia de um amor universal, de doação, um modelo de amor próximo ao amor *cáritas*, de modo que preencher-se com essa forma de amor a mantém bem e segura, o que aparece no relato de Íris em várias situações, e também demonstra que há grande dificuldade em sair de sua zona de conforto, a família e os animais com os quais convive, para investir numa relação paritária afetiva, embora ela manifeste, ao final de seu relato, o desejo de encontrar alguém para amar.

Judite

*Deixa em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não,
Pode ser a gota d'água...*

Chico Buarque

Judite tem 37 anos e é Professora. Acredita que o amor é o sentimento mais nobre, porém essa crença começa a ruir com a separação de seus pais, ainda em sua infância. Na juventude descreve o amor com ambiguidade: como sentimento *perfeito e maravilhoso* e *horrível e detestável*. Teve grandes decepções amorosas desde a juventude: sua primeira paixão, que trocou-a por sua irmã; posteriormente, aquele que ela considerou o *amor perfeito*, também a traiu; passou a desacreditar no amor até que conheceu seu primeiro marido, casou-se e teve um filho. Novamente foi traída, dessa vez pelo marido, mas a fim de preservar a família permaneceu no casamento por oito anos. Separou-se e posteriormente casou-se de novo, mas não sabe se ama o marido na atualidade. Embora possua, na maturidade, uma visão racionalizada do amor, ainda deseja *amar e ser amada intensamente*, descrevendo uma visão idealizada do amor para a vida toda.

1. O que é o amor para você?

O amor é um sentimento puro que te prende e te liberta ao mesmo tempo. Muitas vezes deixamos de fazer algo por amor, nos privamos para não magoar alguém que amamos ou para não prejudicá-lo...

Mas também fazemos ou realizamos sonhos exatamente por causa do amor, pois temos com quem compartilhar.

Acredito que é o sentimento mais nobre e o que move as pessoas, pois, quem sente amor procura fazer o melhor por si mesmo ou pelos outros, mas quem não tem procura fazer o mau para o outro ou para si mesmo.

Amar alguém é ser cúmplice desse alguém, é querer sempre o bem e lutar para que isso aconteça, mesmo com as lutas, conflitos ele deve ser alimentado (o amor) dia a dia com um gesto de carinho, uma bronca, um abraço, um colo ou apenas um olhar.

O amor existe de várias maneiras, pode ser incondicional como de uma mãe por um filho, ou conquistado pelos amigos, namorados ou por aquilo que se acredita como amor a deus.

2. Como foi o amor para você na sua juventude? Enfrentou

Alguma dificuldade? Como lidou com a situação? Como você se sentiu?

Na minha juventude ele foi arrasador em todos os sentidos, como um sentimento perfeito e maravilhoso de sentir e como um sentimento horrível e detestável de sentir.

De criança acreditava que era indissolúvel até a separação dos meus pais.

No dia em que isso aconteceu tudo que era lindo e perfeito se transformou em escuridão e destruição, até a primeira paixão, onde me senti andando nas nuvens ...

Mas logo novamente tudo se desfez e senti a dor da traição.

Como esse sentimento se tornou confuso para mim, como acreditar que ele existia pois fui obrigada a ficar longe da pessoa que eu mais amava, meu pai, e logo na primeira paixão fui trocada e o que era ainda pior é que fui trocada pela minha irmã mais velha que eu, minha primeira paixão começou a namorar minha irmã, então afinal o que era amar pra mim...

Era um grande vazio ..., algo inatingível, era sofrimento. Foi quando conheci o meu primeiro amor perfeito, era deus no céu e o Gil na terra; ele era mais velho que eu oito anos e era estudante de veterinária, tudo o que na época eu queria ser.

*Nele depus todo meu amor, meus sonhos, minha confiança,
Me entreguei a ele de corpo e alma, e foram três anos assim onde tudo o que ele queria que eu fizesse eu fazia, tinha muito medo de perdê-lo, nós ficamos noivos e eu era totalmente ingênua e cega por ele, falávamos em casamento e até tentamos ter um filho, até para podermos casar logo, pois eu era menor de idade ainda, mas não aconteceu...*

Assim que eu completei meus dezoito anos eu comecei a desconfiar e foi então que confirmei o que já estava imaginando, eu estava sendo traída, mas não era a primeira vez ... , desde sempre fui traída por ele e foi quando meu mundo desmoronou totalmente. Eu achei que iria morrer...

Nessa época, me tornei vazia, descrente em qualquer tipo de amor, como podia existir, pois sempre tudo o que eu acreditei sempre me traía de forma terrível, que dor gigante eu sentia dia e noite...

Primeiro perdi o meu grande herói, pois já não morava com meu pai e ele já havia formado uma nova família e depois o homem que me entreguei de forma tão intensa e verdadeira.

Desse dia em diante não acreditava mais no amor, me tornei uma jovem muito rebelde onde comecei a judiar de qualquer pessoa que chegasse perto de mim, mãe, pai, irmãos, rapazes, enfim, todos, inclusive à mim mesma pois comecei a fumar cigarro...

Queria fazer minha mãe sofrer por ter separado do meu pai, por estar casada com outro que era um homem nojento e maldoso, mas ela não via.

Não dava satisfação de minha vida nem pra ela e nem para ninguém. O amor para mim era uma grande mentira, ilusão e o que eu queria era fazer o outro sofrer, sentir a dor que eu estava sentindo e que já não suportava mais, porque nunca passava.

3. Como foi o amor para você na vida adulta? Enfrentou alguma dificuldade? Como você se sentiu?

Nessa fase foi ainda muito complicado, aos poucos fui descobrindo que poderia sim amar e ser amada, foi muito difícil voltar a confiar em alguém novamente.

Senti então o grande amor de minha família que nunca desistiram de mim, onde não tinha para onde ir, nem onde morar e para não me deixarem morar com uma pessoa estranha que iria me alugar um quarto, meus tios me trouxeram para morar com eles e me disseram que nunca mais ficaria desamparada pois só me deixaram sair da casa deles o dia em que eu me casasse.

E assim aconteceu, foi nessa época que conheci meu segundo amor, o meu marido Alberto, aos poucos ele foi chegando e foi me conquistando, eu ainda não acreditava que seria verdadeiro, sempre fugi de situações que poderiam me machucar novamente e por isso dizia que nunca me casaria com alguém, que casamento era mentira, era falso ... , mas fui pega pelo amor...

Não nego que fugi muito e lutei contra esse sentimento, muitas vezes até ..., acreditando que isso me blindaria desse sentimento, mas acabei me entregando a ele, então me casei com Alberto.

Logo em seguida fui surpreendida pelo amor incondicional..., fiquei grávida logo no primeiro mês de casada, quanta alegria! Quanta felicidade, primeiramente por estar realizando meu grande sonho e do meu marido.

Foi perfeito, mas, como sempre, para mim tudo um dia acaba, descobri que estava sendo traída pelo meu marido.

Novamente voltou aquele vazio e revolta. Como isso poderia estar acontecendo novamente comigo???

Muitas vezes acreditei ser eu o problema, será que não me dediquei o suficiente para ser tão humilhada assim?

Nessa época ainda não me separei, por conselhos de minha mãe, em amor ao meu filho continuei casada para que meu filho não sentisse por mim o que eu já havia sentido pela minha mãe.

Foram longos oito anos de brigas e mentiras, enganações e muito sofrimento.

Novamente passei não acreditar no amor entre duas pessoas e a partir daí, não queria mais me comprometer com ninguém, me satisfazia com momentos legais e com o amor de mãe e da família.

Procurei fugir de me envolver novamente com alguém de forma séria e comprometida....

Até tentei, mas só fiz sofrer a quem de mim se aproximou ou a mim mesma; afinal para que amar alguém, se dedicar e ser destruída posteriormente? Não! Nunca mais queria amar alguém, nunca mais me comprometer e me dedicar para alguém que não fosse meu filho e minha família!

Quanta bobeira eu fiz para não me apaixonar, amar alguém, quanto sofrimento causei às pessoas que queriam me fazer bem, me amar! ... Mas não, já não estava mais aberta para sentir amor por alguém.

4. Como você está vivenciando o amor no período atual? Enfrenta alguma dificuldade? Como você está se sentindo?

Hoje não sei dizer se eu amo alguém além do meu filho e minha família.

Estou novamente casada, mas de verdade, não sei se o amo.

Somos muito diferentes e quando nos conhecemos eu percebi que eu estava me machucando muito, estava muito ferida e precisava de alguém que me desse segurança, carinho, uma vida nova e diferente.

Saí da minha cidade, de perto de minha família, de meus amigos e vim morar e casar com ele.

As pessoas assustaram e me dizem que fui corajosa em abandonar tudo assim, de repente, mas eu precisava tentar novamente, ter uma família que eu sempre sonhei desde criança, mas vejo que talvez não sou capaz de realizar o sonho.

Amar alguém é muito difícil...

Amar o que faz, o trabalho é difícil...

Voltar para casa está difícil.

Quero muito o bem do meu marido, mas não sei se eu o amo.

Às vezes acredito que não sinto falta de tudo que deixei, não me arrependo, mas se pudesse voltar atrás, não faria novamente.

5. Atualmente você está vivenciando um relacionamento? O que você gostaria que fosse diferente no seu relacionamento? Tem feito alguma coisa para que essa mudança aconteça?

Sim, vivo um casamento, meu segundo casamento. Gostaria muito que fosse diferente, pois somos muito diferentes e sinto que dia-a-dia estou me fechando, ficando amarga e desde quando vim para cá tenho perdido muito a autoestima.

Meu marido é uma boa pessoa, mas é uma pessoa muito grossa, que por diversas vezes me fez me sentir um nada, as diferenças sempre se transforma em novas discussões (sic) onde eu ou meu filho somos culpados.

Me sinto muito sozinha aqui, sem amigos, sem parentes, sem gostar do que eu faço (trabalho), enfim, sem amor.

6. Você percebeu mudanças no seu modo de amar durante os períodos da sua vida (juventude, idade adulta, maturidade)?

Muitas mudanças, quando jovem amei intensamente, acreditava que era tudo na minha vida, até perdê-lo então achei que iria morrer... Mas isso não aconteceu, descobri que ninguém morre de amor.

Depois descobri que o amor mais tranquilo é o incondicional, amar meu filho foi e é a coisa mais incrível que um ser humano pode sentir, esse amor domina toda a minha vida, meu ser.

Já atualmente tenho cautela, estou na defensiva, não sei se amo, pois não consigo senti-lo (referindo-se ao atual marido) .

Às vezes quero sentir que estou amando, mas ao mesmo tempo prefiro não sentir, pois sei que se fico sozinha o sofrimento pode ser menor. Às vezes sou acusada que não sei amar, ou não consigo amar, pois às vezes penso que tanto faz....

7. Como essas mudanças refletiram no seu relacionamento, no período em que ocorreram?

Refletiram de todas as formas, passei a ter mais o pés no chão, a não ver tudo como um belo jardim, mas passei a ver os espinhos que machucam a todo o momento...

Que o amor não acontece quando queremos ou desejamos e que nem sempre quando acreditamos ser amor, é.

É muito difícil amar e se deixar ser amado.

Hoje vou com muita calma, apesar de ser um pouco descuidada, não acredito mais em amor ardente e sei que se não der certo nesse momento não é o fim do mundo, que não vou morrer jamais por amor a ninguém, e que quando eu cair posso me levantar, bater a poeira e seguir meu caminho onde posso caminhar até o fim sozinha ou encontrar uma nova companhia lá na frente, mas hoje tanto faz.

8. Quais suas expectativas em relação ao amor para o futuro? O que você espera de um relacionamento?

Na verdade não tenho muitas expectativas, não sei até quando continuarei casada devido à falta de diálogo adequado no meu casamento.

Mas eu queria muito poder amar e ser amada intensamente por um momento, sentir o amor correndo pelas minhas veias um amor inteiro, único e verdadeiro, me sentir mulher novamente, aquela que um dia me senti com meu primeiro amor antes das mentiras...

E o que eu espero é cumplicidade, companheirismo, que possamos falar a mesma língua, vontade de trilhar os mesmos caminhos.

Quero acordar abraçada, tomar café juntos, com o sol entrando pela janela e sentir verdadeiramente completa, que encontrei o que falta em mim, que possa confiar e contar com seu amor a qualquer momento e acima de tudo, quero alguém que queira estar ao meu lado e envelhecer junto comigo e que seja o meu melhor amigo.

O relato de Judite tem como elementos proeminentes:

- A visão do amor como sentimento nobre.
- Contradições na vivência do amor no período da juventude, com aspectos vividos como muito positivos e outros extremamente negativos.
- A desilusão com a separação dos pais e posteriormente com a traição do amor de juventude e o sofrimento advindo dessas experiências.
- A dificuldade em confiar novamente em alguém, o envolvimento e a união, e novamente a vivência da traição pelo marido na vida adulta, a dor e o sofrimento dessa experiência.
- O amor ao filho como único incondicional.
- O estabelecimento de outra relação conjugal e a dificuldade de amar e confiar.

- A descrença no amor na relação de conjugalidade e a expectativa de viver um amor em que se sinta completa.

Judite vê o amor como um sentimento nobre e sublime, e o que move as pessoas a compartilhar e doar-se. Ao longo da vida sofre com experiências amorosas onde o doar-se ao outro torna-se cada vez mais difícil em função de traições, ciúmes e humilhações.

Destaca que existem vários tipos de amor, e o relaciona à motivação para fazer ou deixar de fazer algo, colocando o sentimento de amor como prioridade na realização dos atos humanos.

A ideia de amor para Judite também apresenta grande ambiguidade, em especial na juventude, como algo maravilhoso e detestável, e ela relata ter sua primeira desilusão com o amor quando ocorreu a separação de seus pais.

Após esse fato, alimentou a descrença no amor, mas apaixonou-se e foi traída, o que enfatizou mais uma vez o amor como desilusão, desesperança.

Encontra um outro amor pelo qual se apaixona novamente ainda adolescente, um rapaz com o qual se relaciona durante três anos e que é mais velho que ela, idealizando o relacionamento e o rapaz, “Deus no céu e Gil na terra”. Na esperança de casar-se com o rapaz procurou engravidar, pois era menor de idade, mas não conseguiu, e ao completar dezoito anos descobriu que o rapaz a estava traindo.

Nova desilusão, mais decepções, o que a tornou uma moça agressiva em relação aos que se aproximavam dela, tanto pessoas da família quanto pretendentes, e descrente do amor.

Tanto o sofrimento intenso que esta decepção amorosa provocou nela, somado às experiências anteriores, a separação dos pais, os re-casamentos dos pais com outras pessoas com as quais ela tinha desprezo, quanto suas próprias frustrações nos relacionamentos afetivos que tinha vivenciado a tornaram uma pessoa rebelde e esquiva.

Relata um período difícil, mas destaca que teve o acolhimento e amor de sua família extensa.

Na vida adulta, percebeu que poderia amar e ser amada novamente, mas continuou resistente à ideia de relacionar-se afetivamente, com medo de sofrer de novo o vazio e as decepções que vivera até então.

Ainda assim, relata que na vida adulta encontrou uma pessoa que dela foi se aproximando gradativamente, e que acabaram se casando, seu primeiro marido.

Logo após o casamento, engravidou e conheceu o que chamou de amor incondicional, pelo filho. Após algum tempo descobriu que o marido a estava traindo, mas permaneceu casada, a conselho da mãe; segundo ela, pelo bem do filho, mas ao final de oito anos, o casamento acabou definitivamente.

O modelo predominante de amor de Judite é o amor-sofrimento, todas as vezes em que amou, sofreu intensamente o vazio após a descoberta de traições. Questiona-se sobre o porquê dessas situações e não compreende o que pode ter levado ao sofrimento que relata.

Conta que desacreditou completamente do amor entre duas pessoas e por algum tempo dedicou-se somente ao filho e à família, esquivando-se de qualquer relação afetiva conjugal.

Diz até ter tentado, mas que magoou pessoas que gostavam dela por ela não acreditar mais no amor, e que lutou muito para não se apaixonar e não amar, inclusive magoando pessoas que gostavam dela, já que não estava mais aberta para amar a ninguém.

Relata que na atualidade, embora esteja novamente casada, sente amor somente pelo filho e pela família, não sabe se ama o marido.

Diz que ele é uma boa pessoa, e que quando se conheceram ela estava bastante ferida, precisando de alguém que cuidasse dela, de segurança, de carinho, e de uma família que sempre sonhou, decidindo mudar-se de cidade e ir morar com ele, porém acredita que não o ame, e que embora não se arrependa de ter deixado a vida que tinha em companhia da família e amigos, não faria isso de novo, se pudesse voltar atrás.

Diz que a convivência é difícil, que tem dias em que não quer chegar em casa, e que embora o marido seja uma boa pessoa, por vezes a faz sentir inferior, que tem muitas discussões com o marido no relacionamento e que frequentemente ela e o filho são apontados como culpados nas discussões com o marido pelas coisas não darem certo, o que ela gostaria que fosse diferente.

Sente-se só, com baixa autoestima, não gosta do trabalho que realiza e sente-se sem amor.

Percebe mudanças no modo de amar em sua vida, de um amor intenso e desesperado na juventude, que a levou a pensar que morreria quando do rompimento com o rapaz amado, para a descoberta de que *não se morre de amor*; que pode viver sozinha que não irá morrer... Enfatiza que na maturidade, o amor incondicional pelo filho é mais tranquilo, e que no momento está na defensiva, é cautelosa, até gostaria de sentir amor, mas não consegue, é acusada de não saber amar, por não conseguir agora sentir amor (pelo marido).

Diz até ter vontade de sentir amor às vezes, mas que estar só a faz sofrer menos.

Todo o sofrimento causado pelas decepções anteriores a deixou indiferente à relação atual, ela diz que agora *tanto faz*.

Diz que as mudanças em seu modo de amar durante a vida refletiram muito em sua realidade atual, que hoje não acredita em amor ardente e procura ser cautelosa na relação, que se machucou muito e que sabe, que se tiver novas decepções, pode superar sozinha, que ninguém morre de amor.

Demonstra uma descrença no amor quando fala da realidade atual, tem dúvidas se permanecerá casada com o atual companheiro.

Mas ainda deseja encontrar alguém com o qual *possa compartilhar tudo, e que haja reciprocidade e apoio incondicional, falar a mesma língua, acordar abraçada, trilhar os mesmos caminhos...*

O modelo organizador mais enfático na vivência de Judite é o amor-sofrimento, e é também bastante marcado pela ambiguidade. Embora muitas vezes afirme sua descrença no amor, a intensidade com a qual ela enfatiza que *quer sentir ainda o amor correndo em sua veias* demonstra o quanto a ambiguidade está presente na construção de suas vivências, porque ela amou, mas decepcionou-se muitas vezes.

O desejo de ter alguém que satisfaça suas necessidades emocionais de companheirismo e afeto ainda existe, de forma idealizada, embora ela constantemente manifeste a descrença no amor e diz estar *mais pé no chão*.

Anna, Bertha, Celina, Diana, Ester, Flora, Giulia, Helena, Íris e Judite compartilharam conosco sua visão do amor e as mudanças sofridas da juventude para a maturidade em suas vivências afetivas.

Observamos que nos relatos de nossas participantes predomina a forma de amor como sentimento, destacada por Borges (2004, p.09), mais especificamente, o amor romântico. (OLTRAMARI E GROSSI, 2010)

As participantes da pesquisa encontram-se no período da maturidade (Papalia, 2009), e todas vivenciam na atualidade um relacionamento amoroso, com exceção de Íris, que expõe que no momento, *“não vivencia o amor carnal, o amor entre homem e mulher”*.

Todos os relatos demonstram que há certa idealização do amor e da relação afetiva, características do amor romântico, destacamos na sequência, alguns trechos onde essa observação fica mais visível, mesmo em circunstâncias onde a racionalização da relação está presente, como no caso de Judite.

Após inúmeras decepções ao longo da vida, Judite em sua fala apresenta racionalizações constantes sobre sua vida afetiva, principalmente no período da maturidade, e deseja, como descreve ao final do relato, querer *“acordar abraçada, tomar café juntos, com o sol entrando pela janela e sentir verdadeiramente completa [...]”*, o que demonstra uma visão bastante idealizada da relação a dois.

Também encontramos a idealização do amor romântico no relato de Diana, que aos quarenta e oito anos deseja realizar o que ela denominou *“o conto de fadas”*: *“Hoje eu sonho com o conto de fadas (...) eu quero ser pedida em casamento. [...] tudo o que não desejei na minha juventude desejo viver agora: o casamento na igreja, noivo esperando no altar...eu entrando com os filhos...O conto de fadas.”*

Com Helena, observamos que há certa idealização do amor romântico quando ela se refere ao parceiro que tem desde a juventude: *“...encontrei a pessoa que conquistou meu coração por toda a vida”*, embora, assim como Judite, utilize racionalizações para explicar o funcionamento da relação com o marido e refere-se com constância ao amor-próprio, situação única aparente nos relatos estudados, já que a referência ao amor-próprio não aparece em outras entrevistas.

Outro aspecto bastante presente nos dados coletados é a valorização da família. Em vários relatos, a família aparece como sendo o mais importante referencial a partir da constituição da relação conjugal. Vimos que o contexto familiar mais presente é o da família tradicional constituída por marido, mulher e filhos. As mulheres que participaram dessa pesquisa tem essa referência familiar, o que aparece na maioria dos relatos, com exceção de

Íris, que já vivenciou esse tipo de relação familiar e após a separação do marido, vive com a mãe.

A instituição familiar, bastante valorizada no contexto em que se encontram as participantes, aponta ainda para uma modificação na maneira de amar ao longo do tempo e na transição da juventude para a vida adulta e maturidade, que parte, inicialmente, do amor dentro da relação homem e mulher para o amor à família, aos filhos, ao grupo como conjunto de coexistência e de habitação.

Isso se verifica na valorização da preservação da família e na dedicação aos filhos, que são mencionados como referência de amor incondicional, como destacamos no relato de Judite:

“Logo em seguida fui surpreendida pelo amor incondicional, fiquei grávida logo no primeiro mês de casada...”;

“...Me satisfazia com momentos legais e com o amor de mãe e da família...”;

“Hoje não sei dizer se eu amo alguém além do meu filho e minha família”

Também os relatos de Íris:

“Vivencio hoje plenamente amor de mãe, e como vivencio!”

Aliás, este amor é o que me susteve durante toda a minha vida, senão antes, o que sinto pela minha mãezinha...”

Os comentários de Celina:

“Estou vivenciando uma fase bacana, criando minha filha, curtindo meu marido. [...] Temos nossos momentos de tristeza e obstáculos, mas se temos uma família amorosa disposta a ajudar quando for preciso nada nos abala.”

As falas de Anna:

“Na vida atual estou amando, como já passou 25 anos agora já nos adaptamos com os costumes um do outro e formamos uma família muito feliz, construímos nossa casa, tivemos dois lindos filhos e vivemos feliz, espero que seja eterno, até a morte. (sic)”

Diferentemente dos relatos em consideração à estrutura familiar que foram destacados acima, aparece o relato de Flora, que embora procure manter a família unida apesar das desilusões e decepções vividas na vida conjugal, comenta que o faz por medo de passar necessidades financeiras e não ter como sustentar as filhas:

“Eu já pensei várias vezes de separar, e às vezes o que me prende é a situação financeira [...] O meu maior medo são as minhas filhas passarem necessidades.”

Além do medo de passar necessidades financeiras há também certa dependência emocional em relação ao marido, e o desejo de permanência da estrutura familiar integrada como modelo ideal de constituição familiar tradicional, visto que ela não gostaria de repetir a experiência existente em sua família de origem, como coloca:

“Então eu acreditei né, eu acho assim, o que me levou a acreditar no meu casamento, que seria maravilhoso, que seria diferente, provar pras pessoas e pra mim mesma que seria diferente, eu ouvia “vai ser mãe solteira” porque era isso que eu via e eu quis ser diferente, que meus filhos seriam de um pai só, que não ia ter tantos filhos, que o exemplo que eu tive dentro de casa não era pra mim.”

O casamento e a estruturação familiar a partir deste prevalece em todas as entrevistas como principal referência de constituição familiar, e observamos que nossas entrevistadas, em sua maioria, mantém longos relacionamentos desde o período da juventude. Tais características de manutenção de um relacionamento família nuclear tem seus resquícios da família burguesa, baseada em hierarquias e nas desigualdades entre homens e mulheres, estabelecendo papéis de gênero rígidos no exercício da conjugalidade (LINS, 2013). Do mesmo modo, estes elementos sobre as relações entre casamento e família produzem uma cristalização de papéis nas experiências amorosas e expectativas em relação à vivência conjugal e, em sua decorrência, uma estruturação familiar universal e referência para a sociedade (POSTER, 1979).

Anna tem uma união de vinte e cinco anos com o companheiro, Bertha, embora tenha reencontrado o amor de juventude após trinta e três anos de separação, está com ele há dois anos. Celina não revela há quantos anos está com o marido, mas descreve o relacionamento como sendo sua principal relação amorosa desde a juventude. Diana, apesar de não ter se casado, mantém um relacionamento há mais de dez anos e tem o desejo de casar-

se. Ester mantém o casamento desde a juventude, há mais de vinte e seis anos com o mesmo companheiro. Flora também vivencia um longo relacionamento desde a juventude, não especifica o tempo de casada, mas refere-se às filhas adolescentes, o que demonstra que está com o marido há longo tempo. Giulia comenta que aos vinte anos começou a colocar o sonho de casar e ter filhos em prática, estando atualmente com quarenta e dois anos, portanto há mais de vinte anos com o marido. Helena destaca que está há dezenove anos com o marido; Íris permaneceu do namoro ao casamento doze anos com o companheiro, e atualmente vive com a mãe após a separação do marido. Judite casou-se duas vezes e também não especifica a duração da relação atual com o segundo marido, mas faz referências detalhadas à sua trajetória amorosa que foi de muitas decepções durante sua vivência.

Embora prevaleça a concepção do amor como sentimento, mais especificamente do amor romântico, com características bastante idealizadas nos relatos das participantes no que concerne ao relacionamento afetivo, notamos que também aparecem, em alguns momentos, outras concepções de amor que se mesclam à concepção de amor romântico, como é o caso de Íris, onde se evidencia o amor caritas, que aparece em vários trechos de sua entrevista, e destacamos especialmente seu final:

“Sinto esta vontade. Esta agora é minha finalidade: quero amar demais, fazer a diferença na vida das pessoas. Levar e espalhar amor, seja ele qual for, levar acalanto, acolher, recolher, escutar, amar e amar e amar. Afinal eu não estaria aqui se não fosse por amor.”

O amor caritas é o *dirigido a toda a humanidade, baseado na benevolência* (BORGES, 2004, p.10). Esse amor universal descrito por Íris como sua finalidade atual preenche o espaço do amor romântico, que embora ela deseje, ainda não se concretizou.

Não ficaram evidentes nos relatos o amor amizade, tal como foi descrito nas referências teóricas utilizadas no primeiro capítulo, mas aparecem características do chamado **amor híbrido** (OOLTRAMARI e GROSSI, 2010), que é a mistura do amor como sentimento e do amor como prática social, que são descritos como complementares no estabelecimento das relações através da construção cotidiana da comunicação e da instituição dos vínculos afetivos que une o casal, podemos entender que devido à longa permanência dos casais na relação conjugal, esse tipo de amor foi se constituindo, como aparecem em alguns relatos, o fato de existir intimidade, um conhecer o outro, existir adaptação de um com o outro, além do afeto em si mesmo. Essa relação de intimidade construída ao longo do tempo pela

convivência do casal ilustra o chamado amor híbrido, que compõe a base de ligação do casal dentro do contexto familiar.

Também não percebemos a indicação de ocorrência do chamado amor líquido descrito por Bauman (2004). Essa concepção refere-se ao caráter passageiro e supérfluo do amor que se encontra mais nas relações vividas na atualidade, sem um aprofundamento dos vínculos afetivos que une o casal, o que não corre com as relações descritas por nossas entrevistadas, que referem a existência da permanência ao longo do tempo dos vínculos afetivos criados com os companheiros, em sua maioria, relações duradouras e que resistiram aos obstáculos advindos da passagem do tempo. Mesmo as participantes que não são casadas atualmente, como é o caso de Diana e de Flora, ao referir-se aos relacionamentos que mantém e mantiveram, indicam que foram duradouros e que houve o estabelecimento de vínculos. No caso de Diana, não se casou mas mantém um relacionamento de mais de dez anos. No caso de Íris, o relacionamento a que ela se refere foi o casamento que se desfez há sete anos, mas com o parceiro que ela se manteve durante 12 anos, entre namoro e casamento.

No que se refere aos modelos organizadores consoantes às entrevistadas, destacamos os prevalecentes em cada relato ao final dos comentários das entrevistas.

Podemos indicar que há o predomínio do modelo de amor romântico, o qual se remete a constante idealização para a maior parte das entrevistas realizadas. Do mesmo modo, tem-se presente a ideia de complementariedade de si, com algumas variações.

Destaca-se no modelo organizador também a idealização da estrutura familiar, como é o caso de Anna e Celina, que estruturaram a família tida como referência para elas e particularmente, de Diana, que sonha com família ideal constituída por meio do casamento que espera que aconteça, seja com o par atual, *seja com alguém que lhe seja predestinado*. Também referente ao modelo pautado na estruturação familiar destaca-se o relato de Ester, cujo modelo organizador é bastante influenciado pela relação que ela manteve com o pai e a questão do cuidado com a família e filhos

O amor visto como vinculado ao sofrimento, que nós chamamos aqui de amor-sofrimento, é preponderante no relato de Flora, em que persistem a desilusão, e ao mesmo tempo, a dependência econômica e emocional dentro do casamento, bem como a desesperança na mudança. O amor-sofrimento também permeia todo o relato de Judite, que traz as inúmeras desilusões sofridas durante toda a sua vida e nos principais relacionamentos afetivos em que se envolveu, mas diferencia-se em parte do amor sofrimento descrito por Flora, pois em Judite, apesar de todas as dificuldades vividas, ela ainda almeja encontrar o *amor verdadeiro*, como relata ao final de sua entrevista:

“Mas eu queria muito poder amar e ser amada intensamente por um momento, sentir o amor correndo pelas minhas veias uma amor inteiro, único e verdadeiro, me sentir mulher novamente [...]”

E completa, caracterizando também o amor romântico idealizado, que aparece ao final do relato e que já contemplamos anteriormente:

“Quero acordar abraçada, tomar café juntos, com o sol entrando pela janela e sentir verdadeiramente completa, que encontrei o que falta em mim, que possa confiar e contar com seu amor a qualquer momento e acima de tudo, quero alguém que queira estar ao meu lado e envelhecer junto comigo e que seja o meu melhor amigo.”

Vimos que na maioria dos relatos houve mudança entre o amor da juventude e o amor da maturidade. Esta mudança no processo de vivência das relações amorosas pelas mulheres entrevistadas é vista também por Moreno e Sastre (2012), desde uma perspectiva do processo de mudança numa história de relação amorosas de seus entrevistados. No caso da presente pesquisa, destacamos o processo de transformação ao longo período de tempo, durante a passagem da juventude à vida adulta e maturidade. Para as autoras, esse processo é importante para analisar as dinâmicas dos modelos organizadores diante das experiências, crenças e valores construídos pelas pessoas no desenrolar da vida.

A maior parte das entrevistadas destaca o amor vivido na juventude como sinônimo de imaturidade, caracterizando-o como paixão. Após o estabelecimento de vínculos afetivos com o parceiro, principalmente nos casos em que esses vínculos foram mantidos durante longo tempo, as entrevistadas visualizam o amor na maturidade como algo mais realista, de complementariedade de si mesma, embora haja a presença da idealização do amor romântico, como dissemos.

A ampliação do amor conjugal para o amor à família também foi um dado presente em vários relatos e já apontamos anteriormente este fenômeno como resquícios da idealização de família na história das sociedades.

Verificamos que o modelo de amor romântico, vinculado à ideia de constituição de família está presente em quase todos os relatos em algum momento, ainda que apareçam também em alguns relatos a desilusão pela traição e pela relação sexista vivenciada na relação a dois.

O sexismo é outra marcante característica da vivência hierárquica das relações amorosas, embora nos relatos essa marcação de gênero não seja tão explicitada pelas participantes, ao contrário do encontrado em Moreno e Sastre (2010, 2012). Em alguns relatos, elas mencionam alguma posição de submissão e de espera do amor idealizado, e colocam os homens, por vezes, em situações mais autônomas e independentes desse sentimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar a compreensão do amor a partir da vivência da maturidade por mulheres que atualmente encontram-se neste período da vida. Destacamos o enfoque qualitativo da pesquisa, cuja participação se deu por adesão à proposta de investigação, totalizando dez participantes.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semi-estruturadas cujas questões norteadoras, que encontram-se no corpo do trabalho, tiveram como eixo a compreensão da existência do amor na vida das participantes da pesquisa, desde a juventude até a maturidade, as modificações vividas ao longo do tempo com relação ao amor.

Utilizamos para a análise das entrevistas a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, proposta por Moreno e Sastre e colaboradores (1999, 2010, 2012), indicando os elementos que mais foram enfatizados nos relatos das entrevistadas, bem como os significados atribuídos ao amor pelas participantes da pesquisa.

Abordamos no primeiro capítulo, um breve panorama das concepções de amor no Ocidente, bem como as características referentes à cada concepção de amor construída ao longo do tempo na referência ocidental, dos primórdios das composições de grupos humanos até a atualidade.

No segundo capítulo, tratamos das propostas de compreensão da realidade indicadas pela Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, delineando seus principais pressupostos.

No terceiro capítulo destacamos o conceito de maturidade, a partir de sua compreensão na atualidade.

No quarto capítulo apresentamos trechos das entrevistas realizadas com as participantes da pesquisa e suas respectivas análises, os elementos e os significados que são mais evidentes nos relatos efetuados, considerando os modelos organizadores do pensamento para tanto.

Os modelos organizadores do pensamento, conforme indicamos anteriormente, podem ser considerados como um conjunto de representações com significados atribuídos temporalmente por cada pessoa sobre os momentos vividos e afetos nele inseridos, nesse caso, acerca do amor.

A partir das análises, foram identificados alguns modelos predominantes em vários relatos, como a perspectiva do amor romântico, no qual são destacadas as decepções sofridas

na juventude; a busca pela reciprocidade e a idealização de complementariedade da própria pessoa pelo companheiro.

Destaca-se a perspectiva do amor romântico, que aparece em quase todos os relatos, enfatizando-se a idealização quanto ao parceiro, que se traduz na busca de um amor que sustente as intempéries do dia a dia e que predomine a felicidade. Em algumas entrevistas, as participantes salientam o desejo de que o amor dure para sempre.

As decepções sofridas na juventude aparecem como motivadoras na descrença do amor ideal, evidenciando-se em duas entrevistas. Tais decepções, já na maturidade, embasam a crença de que o amor é passageiro, de que não há, de fato, amor eterno e de que é preciso explorar outros tipos de amor, como o amor à família, especialmente aos filhos, como único e verdadeiro.

A busca da reciprocidade também é uma constante nas entrevistas, tanto em relação ao parceiro que se tem na atualidade e com o qual se pretende permanecer, quanto em relação aos parceiros que são almejados para estabelecer uma relação afetiva.

A idealização de complementariedade também aparece como uma característica da busca de um amor ideal, aquele que completa, tanto em termos afetivos quanto em termos materiais o que se espera de um relacionamento.

Durante o processo de construção do presente trabalho, alguns questionamentos foram suscitados para futuras investigações. Uma delas se refere às possibilidades de que o predomínio do amor romântico em estabelecer relações hierárquicas e de submissão da mulher em relação ao homem e, em decorrência, produzirem a violência de gênero. Isso não foi encontrado diretamente e explicitamente entre as participantes, mas relações entre aspectos já foram vistos em outras pesquisas (MORENO e SASTRE, 2010;2012).

Uma segunda questão refere-se às possibilidades da vivência do amor romântico em relações homoafetivas. Será que as idealizações, sentimento de posse, submissão, sentimento de eternidade se mantêm em outros tipos de relações afetivo-sexuais?

Em outros períodos da vida, como a velhice, ou a idade adulta-jovem, qual é a ideia de amor concebida pelas pessoas vivenciando tais períodos? Percebemos, nesta investigação, que no decorrer da vida alguns sentimentos, expectativas, valores, etc. se mantêm e outras mudam. Que modelos organizadores predominam na velhice, com a proximidade da perspectiva do fim da vida se aproximando, no que concerne ao amor? Será que a dependência afetiva pode ser compreendida como amor e como diferenciar o que é tido como amor e o que é dependência afetiva?

Por fim, um dado que se destaca na investigação refere-se à transição que as participantes, em sua maioria, fazem em relação ao amor na juventude para o amor na maturidade. Muitas afirmam que o amor dirigido ao parceiro, à uma conjugalidade (vida a dois) se transfere para o amor em família (coletivo). Esta transição indica uma mudança na maneira de vivenciar o amor romântico. Ele se mantém romântico. No entanto, a idealização, marca desse modelo de amor romantizado, se transfere para a vida familiar. Trata-se de um movimento de referência à nuclearidade da família.

Percebemos que este dado, afirma, em parte a tentativa incessante de retomada da ideia de família nuclear (pais, mãe, filhos) e heteronormativa como forma de manter a relação amorosa que tem referências na experiência religiosa de coletividade e comunidade. Tais valores e crenças vão de encontro às novas configurações familiares e de relacionamentos que ampliam a ideia de vida em conjunto, de laços afetivos e sociais que compõem as famílias contemporâneas. Como podemos definir qual é o amor mais legítimo ? Qual a família mais legítima? Cabem estas perguntas?

Tais questionamentos podem servir como disparadores de investigações acerca do amor e dos modelos organizadores das pessoas investigadas num determinado contexto em pesquisas futuras.

Finalizando o presente trabalho, esperamos que, por meio da investigação realizada e das considerações propostas, possamos contribuir para a ampliação dos estudos existentes sobre o amor, a maturidade, a vivência de mulheres e demais conteúdos relacionados a estes temas.

REFERÊNCIAS

ABOIM, S. **Da pluralidade dos afetos:** trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. Rev. bras. Ciências Sociais vol. 24, nº. 70. São Paulo, Junho de 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092009000200007> . Acesso em 05 de Agosto de 2016.

AMOR PERFEITO. Roberto Carlos. Disponível em <https://www.letras.mus.br/amor-perfeito/1365540/>. Acesso em 05 de Janeiro de 2017.

AMORIM, A. N. et AL. **Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000300003&lang=pt. Acesso em 12 de Agosto de 2016.

ANDRADE, A.G. **Uma leitura sociológica do Amor, algumas dimensões da análise social.** Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-01732013000300005&lang=pt. Acesso em 05 de Agosto de 2016.

ARANTES, V.A. **Modelos Organizadores do Pensamento e o seu desenvolvimento teórico-metodológico:** Estudos de Psicologia e Educação. Tese (Livre-Docência). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

_____. **O Psiquismo Humano e a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.** Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 5, n. 9, jul./dez. 2013.

ARANTES, V.A.; SASTRE, G.; GONZALEZ, A.. Violência contra a mulher e representações mentais: um estudo sobre pensamentos morais e sentimentos de adolescentes. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 26, n. 1, p. 109-120, Mar. 2010.

ARREGUY, M.E. et AL. **A ausência de ciúme como um ideal cultural:** reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000200019&lang=pt. Acesso em 05 de Agosto de 2016.

AURÉLIO. DICIONÁRIO ELETRÔNICO . Disponível em: "C:\Program Files\Positivo\Aurelio\Aurelio.exe" Acesso em 20 Fevereiro 2014.

A VIDA QUIS ASSIM. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/oswaldo-montenegro/a-vida-quis-assim.html> Acesso em 11 de maio de 2016.

BARONCELLI, L. **Amor e ciúme na contemporaneidade:** reflexões psicossociológicas. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100018&lang=pt. Acesso em 05 de Agosto de 2016.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2004.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BONAVITTA, P. **Amor em tempo de Tinder**. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-81102015000200009&lng=pt&tlng=es. Acesso em 06 de Agosto de 2016.

BORGES, M.L. **Amor**. E-book
Disponível em < <http://books.google.com.br/books?id=l-TQEmgp9q4C&printsec=frontcover&dq=maria+de+lurdes+borges+amor&hl=pt.de> Acesso em 06 de Agosto de 2016.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BURGIERMAN, D. **O mundo está muito complexo**. Revista Superinteressante. São Paulo: Abril Editora. Edição 329, p. 48-55; Fevereiro de 2014.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.. **Metodologia Científica**. 4. Ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CÓRDOBA, A. M. C. et AL. **Amor, sexualidad e inicio de nuevas relaciones en la vejez: percepción de tres grupos etários**. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-23862012000200007&lang=pt. Acesso em 06 de Agosto de 2016.

DANÇA DA SOLIDÃO. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marisa-monte/47277/>
Acesso em 31 de maio de 2016.

DAVIDOFF, L. L. Introdução a Psicologia. 3. Ed. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2008.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e Curso da Vida. Disponível em: www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/12112009-093723debert.pdf . Acesso em 20 de Fevereiro de 2014.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DIA BRANCO. Geraldo Azevedo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3I3lUmoMGfY>. Acesso em 03 de Janeiro de 2017.

DIAS, A. R. et AL. **Discursos socioculturais sobre o amor em Portugal: Um percurso geracional?** Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492014000100001&lang=pt. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

_____. **Repertórios interpretativos sobre o amor e as relações de intimidade de mulheres vítimas de violência: Amar e ser amado violentamente?** Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000100012&lang=pt. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (Org.). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ERIKSON, E. **O ciclo de vida completo**. Tradução Maria A. V. Veronese. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

ESTEBAN, M. L. **Crítica del pensamiento amoroso**. Bellaterra: Barcelona, 2011

EU QUE VOU TE AMAR. Disponível em: http://pensador.uol.com.br/poesias_de_amor_de_vinicius_de_moraes/2/ Acesso em 11 de maio de 2016.

FALTANDO UM PEDAÇO. DJAVAN. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/djavan/45524/> Acesso em 01 de Junho de 2016.

FONSECA, S. R. et AL. **Do Namoro ao Casamento**: Significados, Expectativas, Conflito e Amor. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000200002&lang=pt. Acesso em 06 de Agosto de 2016.

GAGLIANO, P. S. **Novo Curso de direito Civil**: Direito de Família- As Famílias em perspectiva constitucional. V.6. São Paulo: Saraiva, 2012.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GÓMEZ, A. M. et AL. **Amor e violência**: Outro cocktail neuropatológico no século. XXI. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-55522009000200013&lang=pt. Acesso em 11 de maio de 2016.

GOTA D'ÁGUA. CHICO BUARQUE. Disponível em <https://m.letras.mus.br/chico-buarque/45133/> Acesso em 01 de Junho de 2016.

HUNT, M. **História natural do amor**. São Paulo: Ibrasa, 1963.

LEMOS-DE-SOUZA, L. & VASCONCELOS, M. S.. **Modelos organizadores do pensamento**: uma perspectiva de pesquisa sobre o raciocínio moral de adolescentes autores de infração. *Psicologia em Estudo*, 8 (2), 47-59, 2003.

LEMOS-DE-SOUZA, L. **Modelos organizadores, sujeito e educação**: considerações a partir do pensamento complexo. *Ciênc. cogn.*, Rio de Janeiro v. 14, n. 1, mar. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000100019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 ago. 2015.

LEWIS, M.. **Alterando o destino**. São Paulo: Moderna, 1999.

LINS, R.N. O livro do amor: da Pré-história à Renascença. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013. V.1.

_____. O livro do amor: do Iluminismo à atualidade. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013. V.2.

LOUCURA. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/maria-bethania/loucura.html>. Acesso em 31 de maio de 2016.

LUHMANN, N. **Amour comme passion**: de la codification de l'intimite. Paris: Aubier, 1990.

MANITA, C. et AL. **Relações de intimidade juvenis e adultas, uma análise comparativa**:

Das narrativas de amor às conjugalidades violentas. Disponível em:

http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492013000100005&lang=pt. Acesso em 10 de Agosto de 2016.

MARTINS-SILVA, P.O. et AL. **Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social**.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000100003&lang=pt. Acesso em 11 de Agosto de 2016.

MORAES, V. **Soneto de fidelidade**. Disponível em <<http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86563/>> Acesso em 19 Fevereiro 2016.

MORIN, E. **A epistemologia da complexidade**. In: MORIN, E. E MOIGNE, J.L. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. **Ciência com consciência**. tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor – 8. Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **O Método I - a natureza da natureza**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

MORENO, M. , SASTRE, G. et al. **Conhecimento e mudança** – modelos organizadores na construção do conhecimento. Campinas: Editora Moderna, 1999.

MORENO, M. , SASTRE, G. **Cómo construimos universos**: Amor, cooperación y conflicto. Barcelona: Editora Gedisa , 2010.

MORENO, M. , SASTRE, G. **Como construimos universos**: Amor, cooperação e conflito. São Paulo: Editora Unesp , 2012.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Vozes, 1994.

MÔNEGO, B.G. et AL. **A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores**. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712011000100011&lang=pt. Acesso em 11 de Agosto de 2016.

MONTE CASTELO. LEGIÃO URBANA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22490/> Acesso em 31 de maio de 2016.

MORAES, K. M. et AL. **Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade:** cuidando do casal idoso. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000400018&lang=PT. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

OLIVEIRA, K. L. et AL. **Elaborando uma cartilha sobre as ambiguidades da violência conjugal.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200016&lang=pt. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

OLTRAMARI, L.C. & GROSSI, M.P. **O amor híbrido:** concepções de amor n mundo contemporâneo. In: Estudos In(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade. Organização de Mirian Pillar Grossi, Mara Coelho de Souza Lago e Adriano H. Nuernberg. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

OLTRAMARI, L.C. **Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000400007&lang=pt. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

PAPALIA, D. et AL. **Desenvolvimento Humano.** São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

POSTER, M. **Teoria Critica da Família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRETTO, Z. et AL. **Um olhar sobre o amor no ocidente.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000200021&lang=pt. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

QUANDO A GENTE AMA. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/oswaldo-montenegro/quando-a-gente-ama.html> Acesso em 11 de maio de 2016.

ROMEU E JULIETA. Disponível em: <http://www.infoescola.com/teatro/romeu-e-julieta/> Acesso em 29 de novembro de 2016.

ROUGEMONT , D. **O Amor e o Ocidente.** E-book Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/54261905/Denis-de-Rougemont-Amor-e-o-Ocidente>. Acesso em 18 Janeiro de 2016.

RÜDIGER, F. **O amor no século XX:** romantismo democrático *versus* intimismo terapêutico. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000200008&lang=pt. Acesso em 08 Agosto de 2016.

SALAZAR, T.R. **El amor en las ciencias sociales:** cuatro visiones teóricas. Disponível em http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-11912012000100007&lang=pt. Acesso em 08 Agosto de 2016.

SHIRAMIZU, V.K. et AL. **A perspectiva evolucionista sobre relações românticas.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642013000100004&lang=pt. Acesso em 12 de Agosto de 2016.

SOUZA, LL. **Modelos Organizadores, Sujeito e Educação**: considerações a partir de do pensamento complexo. Revista Ciência e cognição. Vol. 14. Publicado *on line* em 31/03/2009. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/53>. Acesso em 08 Agosto de 2016.

TANNAHILL, Reay. O sexo na história. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
TAVARES, M. S. **Com açúcar e sem afeto**: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282010000100007&lang=pt. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

TODO O AMOR QUE HOVER NESSA VIDA. Cazuza. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/cazuza/todo-o-amor-que-houver-nessa-vida.html>
Acesso em 11 de maio de 2016.

TRISTÃO E ISOLDA. Disponível em < <http://www.infoescola.com/literatura/tristao-e-isolda/>> Acesso em 21 de Janeiro de 2016.

VENOSA, S. S. **Direito Civil**: Direito de Família. 3 Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VEYNE, P. **Sexo e Poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

VEYNE, P. **Quando nosso mundo se tornou cristão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

WEITZMAN, R. F. et AL. **Kierkegaard e o casamento**. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-92732014000100005&lng=pt&tlng=es. Acesso em 09 de Agosto de 2016.